

UFRRJ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA

DISSERTAÇÃO

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO FUTURO E DA
JUVENTUDE POR JOVENS BRASILEIROS

GEOVANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO FUTURO E DA
JUVENTUDE POR JOVENS BRASILEIROS

GEOVANA RODRIGUES DE OLIVEIRA

Sob orientação da professora

Dra. Luciene Alves Miguez Naiff

Dissertação submetida como
requisito parcial para obtenção
do grau de **Mestre em**
Psicologia, no Programa de
Pós-Graduação em Psicologia.
Área de Concentração

Seropédica, RJ
Agosto de 2024

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

O48r OLIVEIRA, GEOVANA RODRIGUES DE , 1990-
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DO FUTURO E DA
JUVENTUDE POR JOVENS BRASILEIROS / GEOVANA RODRIGUES
DE OLIVEIRA. - Seropédica, 2024.
55 f.: il.

Orientadora: Luciene Alves Miguez Naiff .
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA, 2024.

1. Juventudes. 2. Representações Sociais. 3.
Futuro. I. Naiff , Luciene Alves Miguez, 1969-
orient. II Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA III.
Título.

"O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001 "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001"

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS- GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
PSICOLOGIA

Geovana Rodrigues de Oliveira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, no Programa de Pós-graduação em Psicologia, área de concentração em Processos Psicossociais e Coletivos

Dissertação aprovada em:

Assinaturas:

Luciene Alves Miguez Naiff , Dra, UFRRJ (presidente da banca)

Adriana Vasconcelos da Silva Bernardino, Dra, UNIVASSOURAS(membro externo)

Ana Cláudia de Azevedo Peixoto, Dra, UFRRJ(membro interno)

Seropédica, 13 de agosto de 2024

AGRADECIMENTOS

A Deus por ser meu suporte e amparo em todos os planos que eu ouse experimentar, de acordo com suas permissões.

À minha família, por ser minha rede de apoio e afeto em todas as etapas que exigem grandes desafios, sobretudo após a maternidade.

À minha amada filha Mariah, por ser um dos motivos de busca por transformações e batalhas por um mundo melhor e mais justo. Agradeço a ela por ser uma criança tão amável e compreensiva que tanto me fortaleceu nesta jornada.

A todos jovens que fizeram parte da pesquisa, por serem sujeitos e motivos de busca por uma sociedade mais justa, acolhedora e igualitária.

A minha dupla de mestrado Frêjus, por ser parceiro em todos os momentos, desde as tarefas das aulas até me ajudar a dar conta das etapas que enfrentava dificuldades. Certeza que não foi por acaso que nossos caminhos se cruzaram e que nossas famílias se conheceram. Você é luz !

E um agradecimenrto especial à Luciene, enquanto minha orientadora, por toda paciência, gentileza, inspiração e sabedoria que compartilha. Enquanto ser humano, pela sua luz e força que atinge todos ao redor ; pela sua leveza, sorriso e acolhimento que faz o processo de mestrado ser algo possível de viver de forma prazerosa e humanizada, mesmo diante dos inúmeros desafios. Você é incrível !

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

EPIÍGRAFE

Passarinhos

Despencados de voos cansativos

Complicados e pensativos

Machucados após tantos crivos

Blindados com nossos motivos

Amuados, reflexivos

E dá-lhe antidepressivos

Acanhados entre discos e livros

Inofensivos

Será que o sol sai pra um voo melhor?

Eu vou esperar, talvez na primavera

O céu clareia, vem calor

Vê só o que sobrou de nós e o que já era

Em colapso o planeta gira, tanta mentira

Aumenta a ira de quem sofre mudo

A página vira, o são delira, então a gente pira

E no meio disso tudo, 'tamo tipo...

Passarinhos

Soltos a voar dispostos

A achar um ninho

Nem que seja no peito um do outro (...)

A Babilônia é cinza e neon, eu sei

Meu melhor amigo tem sido o som, okay

Tanto carma lembra Armagedon, orei

Busco vida nova tipo ultrassom, achei

Cidades são aldeias mortas, desafio non sense

Competição em vão que ninguém vence

Pense num formigueiro, vai mal

*Quando pessoas viram coisas, cabeças viram
degraus*

No pé que as coisa vão, jão, doidera

Daqui a pouco, resta madeira nem pros caixão

Era neblina, hoje é poluição

Asfalto quente queima os pés no chão

Carros em profusão, confusão

Água em escassez bem na nossa vez

Assim não resta nem as barata (É memo'!)

Injustos fazem leis e o que resta procês?

Escolher qual veneno te mata

Pois somos tipo...

Passarinhos

Soltos a voar dispostos

A achar um ninho

Nem que seja no peito um do outro (...)

(Emicida part. Vanessa da Mata)

RESUMO

OLIVEIRA, Geovana Rodrigues de. **Representações sociais acerca do futuro e juventude por jovens brasileiros**. 2024. 55f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2024.

A juventude na contemporaneidade está constantemente exposta a profundas transformações decorrentes do campo econômico, político e social, e que influenciam em suas transições para a vida adulta. A juventude é tomada conceitualmente como uma construção social, relacionada à identificação e compartilhamentos de costumes; uma categoria social com características próprias, vivenciada de forma singular a cada sujeito e inserida no campo social, diante de suas estruturas e organizações, que contribuem e atingem os jovens em seus processos de formação. A presente pesquisa teve por objetivo identificar, junto a jovens brasileiros, a estrutura das representações sociais acerca do futuro e juventude. A Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici é o principal aporte teórico que viabilizará identificar o pensamento socialmente compartilhado de jovens sobre o futuro. Abordaremos a Teoria do Núcleo Central de forma mais específica em busca da possível estrutura das representações sociais acerca do futuro. Para a coleta de dados foram utilizados questionários estruturados através de perguntas fechadas e tarefas de evocação livre com o termo indutor futuro e juventude. Foi utilizado o questionário via Google Forms com 124 participantes. Os resultados demonstram que futuro é visto como incerto, revela medo e incerteza, mas a família e a esperança se mantem presente. Quanto a juventude, as representações sociais agregam elementos como aprendizagem e independência com força no elemento resistência. Conclui-se que ainda que a juventude traga conquistas da independência e da força, o futuro ainda agrega medo e incertezas.

Palavras-chave : Juventudes ; Representações Sociais ; Futuro

ABSTRACT

OLIVEIRA, Geovana Rodrigues de. **Social representations about the future and youth by young Brazilians**. 2024. 55p. Dissertation (Master's in Psychology). Institute of Education, Federal Rural University of Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2024.

Contemporary youth are constantly exposed to profound transformations arising in the economic, political and social fields, which influence their transitions into adulthood. Youth is conceptually seen as a social construction, related to identification and sharing of customs; a social category with its own characteristics, experienced in a unique way by each subject and inserted in the social field, given its structures and organizations, which contribute to and affect young people in their training processes. The present research aimed to identify, together with young Brazilians, the structure of social representations regarding the future and youth. The Theory of Social Representations proposed by Serge Moscovici is the main theoretical contribution that will make it possible to identify the socially shared thinking of young people about the future. We will approach the Central Core Theory in a more specific way in search of the possible structure of social representations about the future. For data collection, structured questionnaires were used using closed questions and free recall tasks with the inducing term future and youth. The questionnaire was used via Google Forms with 124 participants. The results demonstrate that the future is seen as uncertain, revealing fear and uncertainty, but family and hope remain present. As for youth, social representations add elements such as learning and independence with strength in the element of resistance. It is concluded that even though youth brings achievements of independence and strength, the future still brings fear and uncertainty.

Key Words : Youth; Social Representations; Future

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Idade dos participantes.....	28
Gráfico 2- Identidade étnica	29
Gráfico 3: Identidade de Gênero	29
Gráfico 5: Natureza da Rede de Ensino	30

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Análise prototípica da questão de evocação livre do termo indutor futuro: “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA FUTURO.”	32
Figura 2: Análise prototípica da questão de evocação livre do termo indutor juventude “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA JUVENTUDE”	35
Figura 3: Análise de similitude do termo indutor futuro: “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA FUTURO”	39
Figura 4: Análise de similitude da questão de evocação livre do termo indutor juventude “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA JUVENTUDE”	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Análise de Conteúdo- Pergunta 1- Alguém planejou seu futuro?	41
Tabela 2: Análise de Conteúdo- Pergunta 2- Em sua família se sentia ou sente pressionado quanto ao futuro?.....	42
Tabela 3: Análise de Conteúdo- Pergunta 3- Quando na escola se sentia ou sente pressionado quanto ao futuro?	43
Tabela 4: Análise de Conteúdo- Pergunta 4 - Você consegue expressar o que gostaria de fazer daqui há uns cinco anos?	44
Tabela 5: Análise de conteúdo Pergunta 5- Comente com suas palavras quais as maiores preocupações que você tem em relação ao futuro:	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
OBJETIVOS	6
Objetivo Geral	6
Objetivos Específicos	6
1 CAPÍTULO I JUVENTUDE	7
1.1 Juventude e Adolescência : conceitos e concepções	7
1.2 Juventude e Adolescência como uma moratória social.....	11
1.3 As Juventudes como construções sociais	12
1.4 Juventudes e Representações Sociais	14
2 CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTURO A PARTIR DE UM OLHAR PARA AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS.....	15
2.1 É possível definir o futuro?	15
2.2 Juventudes, Educação e Projetos de Vida: debates e entrelaces atuais	16
3 CAPÍTULO III A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS	18
3.1 Origem, Definições e aspectos históricos	18
3.2 Teoria no Núcleo Central: um suporte para análises.....	23
4 CAPÍTULO IV MÉTODO	25
4.1 Método	25
4.2 Procedimentos	26
4.3 Participantes	26
4.4 Instrumentos e Procedimentos de coleta	26
4.5 Instrumentos e Análise de Dados	26
5 CAPÍTULO V RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
5.1 Caracterização do Público Alvo	28
5.2 Análise Prototípica	30
5.3 Análise de similitude	38
5.4 Análise de Conteúdo	40
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	49

INTRODUÇÃO

A juventude é interesse de estudo de diferentes campos teóricos atuais. A temática “questões da juventude” está sempre presente como um fenômeno alvo de preocupações e debates, sobretudo em relação às questões sociais relacionadas a esta fase da vida e os possíveis enfrentamentos de jovens no acesso às políticas públicas e garantia de direitos no contexto brasileiro.

Os estudos sobre jovens e o fenômeno da juventude ganharam espaço nas agendas públicas e no meio científico nos últimos tempos e, muitos deles, destacaram a presença de estruturas sociais permeadas por contradições históricas que contribuíram para que tal segmento sofresse certa organização ambígua na realidade brasileira. Para Souza (2012), essas contradições influenciam na maneira que a sociedade concebe a juventude, assim como no modo que os jovens se entendem como sujeitos, nos espaços sociais.

Nesse sentido, para autora, existe um ideal de juventude que habita o imaginário social e, que por diversas vezes, contrapõe-se à apresentação da real juventude brasileira, em especial a juventude em situação de vulnerabilidade que enfrenta violações de direitos e ausência do Estado. Afinal, tais componentes dão subsídio para a discussão acerca de quem é o jovem da atualidade, em que contexto ele está inserido e que papel representa na sociedade.

Os jovens vivem, na contemporaneidade, uma constante exposição a profundas transformações decorrentes do campo econômico, político e social, e que influenciam em suas transições para a vida adulta. A sociedade de consumo e ostentação marcam desigualdades que geram angústia, ansiedade e frustrações. O ideal a ser atingido sempre parece distante e inalcançável. (ESTEVES & ABRAMOVAY, 2008). “Além disso, existem negações que os adolescentes e jovens sofrem socialmente por não terem o corpo ideal, ou objetos de consumo da moda, como propagados pelas mídias, e ainda aqueles relacionados ao gênero e etnia.” (BISSOTO, 2016, p.15).

No Brasil, historicamente, o processo de preocupação com a juventude recebeu influência mundial, principalmente das construções europeias da segunda metade do século XIX que recebiam interferência de teorias eugênicas e racistas de caráter tutelar e repressivo; além de uma preocupação com a disciplina dos jovens pobres, que era tratada como controle a delinquência, e um movimento em que emergia a necessidade de colocar ordem naqueles que tinham “comportamentos desviantes”, através de diversas práticas, inclusive coercitivas e violentas. (SOUZA, 2012)

Entretanto, cabe ressaltar que os jovens brasileiros em termos situacionais não são crianças grandes nem futuros adultos, mas um grupo específico que possui sua trajetória e história próprias. Dependendo dos contextos que cada adolescente ou jovem se encontra, nem sempre é permitido vivenciar tal fase da vida. Do ponto de vista sociológico e cultural o adolescente/jovem em situação de risco e vulnerabilidade, por exemplo, somente vive essa fase de forma plena, quando condições sociais são dadas. (UNICEF, 2011)

Em um cenário político e social recente, o contexto da juventude é complexo, pois se existe uma organização social em que a política é pautada em retrocessos e negligências, os jovens são os primeiros a serem atingidos. A juventude tem grande potência em seu papel transformador; ela sempre esteve presente na história como ator principal nas lutas e revoluções, tomadas por expectativas em busca de possibilidades. Assim, a construção de uma sociedade mais justa passa pela organização da juventude, afinal o jovem está em todos os espaços. (MARTIN et al , 2019)

Dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram crescimento na população jovem. Em 2015, o censo nos apresentou que a população de 15 a 19 anos representava 8,5 % do quantitativo total e a de 20 a 24 anos, 7,6%.

Já em 2019, os números da pesquisa contínua registaram que 47 milhões de pessoas no Brasil eram jovens, com faixas etárias entre 15 e 29 anos. Uma estimativa equivalente a 23% da população total.

De acordo com o Atlas da Juventude (2021), dentro desse total, em um desenho sociodemográfico, a juventude brasileira era composta, em sua maioria, por pessoas pretas, com paridade em gênero, ou seja, pouca diferença entre homens e mulheres. Grande parte dos jovens estavam localizados nas grandes cidades, em áreas periféricas, com maior predominância de concentração nas região Norte do país.

No que diz respeito a trabalho e renda, a imensa maioria dos jovens (83,5%) são pobres, que vivem em famílias com renda per capita inferior a um salário mínimo. (IPEA, 2013). Em um estudo feito sobre a crise e o desemprego, a escolaridade ganhou destaque e constatou-se uma grande defasagem entre a idade e o grau de escolaridade, principalmente de jovens entre 15 e 17 anos, considerando como principal problema para isso a desigualdade no acesso. Apenas 8,9% dos jovens concluíram o ensino superior em 2019. (IPEA, 2019)

De 2012 para 2019 tivemos avanços importantes, mas uma grande parcela dos jovens ainda não conseguiu finalizar a escola, o que deve se agravar novamente com as consequências da pandemia. Além disso, os jovens foram os que mais perderam em renda no comparativo com outros segmentos da sociedade. Dentre eles, o grupo de 15 a 19 anos, foram os mais atingidos do que qualquer outro grupo. (ATLAS DA JUVENTUDE, 2021)

Com o advento da pandemia do novo coronavírus, a população jovem esteve entre os grupos mais afetados com índices de desemprego, aumento da evasão escolar. Além destes, no agravamento das desigualdades sociais, no acesso a serviços essenciais, nos impactos na saúde mental de jovens, na segurança alimentar e também na segurança pública. (ATLAS DA JUVENTUDE, 2021)

Antes disso, os Indicadores Sociais do IGBE desde de 2013, demonstram que cerca de dez milhões de jovens em 15 e 29 anos nem estudam e nem trabalham, no Brasil. O perfil da maioria desses jovens é de mulheres, mães que vivem no Norte e Nordeste e possuem baixo nível de escolaridade, retratados na exclusão.

No Estado no Rio de Janeiro, os que se enquadram no grupo dos “nem nem” eram 7,7% da população juvenil. Esse percentual foi mais elevado que o nacional que equivale a 6,4% e menor em relação a todo o estado do Rio que possuiu 7,9% da população juvenil em tais condições. A juventude carioca, representou mais de 15% da população do Rio e a maioria como moradora de bairros periféricos e/ou compostos por favelas. (IBGE, 2010)

A experiência e aproximação com o objeto escolhido se deu em uma trajetória de trabalho anterior como aluna pesquisadora na área clínica e educacional. Um momento em que frente às realidades dos jovens, na cidade de Vassouras e outras vizinhas, principalmente daqueles em situação de vulnerabilidade, pude perceber a presença de muitos enfrentamentos e embaraços em seus cotidianos compartilhados e em espaços escolares. A exposição a territórios violentos, a proximidade com tráfico de drogas, dificuldades escolares, abandono familiar, gravidez precoce, relações amorosas, sexualidade, eram temáticas marcantes em seus discursos sobre sofrimentos vividos.

Em cada singularidade, era perceptível a influência dos fatores socioeconômicos e da ineficácia das políticas públicas. Com esses jovens, em seus processos de desenvolvimento e relações sociais, cada elemento do discurso social era uma dúvida ou sentença, uma oportunidade ou impossibilidade. O que não poderíamos negar, é que faziam parte da construção de suas percepções, de suas influências para relações com grupos de pertença e, sobretudo, da formação de suas identidades.

Existem inúmeros elementos multifacetados e presentes no contexto de vida de jovens e adolescentes que se tornam fatores de risco à vulnerabilidade que são, muitas vezes, representados por micro violências relacionadas às vivências familiares, escolares e de outras

instâncias sociais. Quando estas violências são expostas por agressões psicológicas, morais ou verbais marcam as várias negações que os adolescentes sofrem socialmente e contribuem para a internalização de suas próprias inferioridades. (BISSOTO, 2016)

Vassouras, uma cidade histórica do interior do Rio de Janeiro, está localizada na Região Centro-Sul Fluminense. Conhecida pelo turismo ilustrado pelas memórias do ciclo do café recebe muitos visitantes anualmente e possui uma população de 35.768 de pessoas, de acordo com a estimativa para 2017 do IBGE (2013). É composta, em sua maioria, por mulheres e negros.

O Plano da Assistência Social (2022), trouxe um diagnóstico socio territorial para trabalhar a partir das condições de vulnerabilidades de alguns grupos a partir de dados censitários de 2010. A juventude, que representa cerca de 4% da população, apareceu em indicadores como situação ocupacional da população sendo 6483 para a taxa de ocupação pessoas com de 18 anos ou mais e uma taxa de desocupação de 720 para 18 anos ou mais; o grau de formalização dos ocupados é composto por 6309 por aqueles com 18 anos ou mais. O nível educacional dos ocupados com fundamental completo é de 62.97 % e com nível médio 46.98%.

No campo da educação, a proporção de jovens de 15 a 17 anos com ensino fundamental completo, no ano de 2010, era de 41,89% e a de jovens de 18 a 20 anos com ensino médio era de 44,06%.

Outro indicador apresentado no plano, que compõe o IDHM apresentou defasagem das gerações mais antigas, de menor escolaridade. Entre 2000 e 2010, esse percentual passou de 38,70% para 56,70% no município e de 51,13% para 64,65% no Estado do Rio de Janeiro. A evasão no ensino médio em 2014 aumentou 2,90% a mais que 2013, a distorção idade- série no ensino médio aumentou 3,40 p.p. desde 2016.

Em 2020, dados da Secretária de Educação expresso no mesmo plano apontaram que no fator distorção idade-série 312 dos 614 alunos matriculados no fundamental II estavam em tal situação. Desses, 73 apresentam necessidades escolares específicas.

Indicadores da vulnerabilidade social demonstram que 6,3% de jovens de 15 a 24 anos de idade que não estudam nem trabalham em domicílios vulneráveis a pobreza e que 32,05% de pessoas com 18 anos ou mais sem ensino fundamental completo estavam ocupação informal no município, em 2013. Do total da população em extrema pobreza 144 são pertencentes ao grupo 18 a 24 anos.

Tratar sobre o tema juventudes é, sem dúvida, complexo e desafiador. O jovem é um sujeito social, presente em todos os espaços e vivendo as mais diferentes realidades. Ele está na saúde, na educação, no transporte, no trabalho, na cultura, no bairro. (LEITE, 2014). Desta forma, é evidente que as juventudes brasileiras não vivem a mesma realidade social. Como destaca Esteves & Abramoway (2008), entender a diversidade é essencial para estudar e apoiar juventudes, afinal, ainda que enquanto geração compartilhem momentos históricos, há muitas juventudes em nosso país.

Junto a isso, questiona-se o porquê do interesse por temas relacionados à juventude estarem, em sua maioria, vinculados a temas de violência, sexualidade, drogas e criminalidade, relacionando-os ao interesse e/ ou preocupação aos cuidados necessários para tal grupo. (LEITE, 2014)

Além disso, as pesquisas que envolvem o tema juventude, em grande parte, recebem influência das teorias psicológicas sobre o desenvolvimento e indicam para uma visão única do jovem. Através de uma perspectiva, universal e naturalizante, muitas vezes narrada por uma fase da vida repleta de dificuldades e características negativas, distante de uma leitura crítica que aponte para a juventude como uma construção social. (BOCK, 2007)

Entretanto, é importante entender que a juventude é uma construção social muito diversa, que abarca inúmeros segmentos. Para entender juventude precisamos contextualiza-la

a partir de suas relações com gênero, raça, cultura e classe social. Não há uma única juventude, e sim várias formas de vivências de juventudes (ABRAMO, 2019).

“A juventude não é um conceito dado” (SOUZA, 2012, p. 353). Ela se refere a um período que não se restringe a idade, mas que contempla outros fatores relacionados a intensas transformações biopsicossociais, que são situadas historicamente e, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, dentre outros determinantes (UNESCO, 2004).

Ao falar em diferentes juventudes, tornar-se importante considerar que na construção da identidade, a partir das múltiplas referências da sociedade no imaginário social. Não existe uma concepção social única que caracterize e delimite o grupo geracional no qual os jovens estão inseridos, visto que se trata de uma categoria em permanente construção social e histórica. (SOUZA, 2012)

Para os autores, existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais. Não há uma cultura juvenil unitária, mas culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si.

Desta forma, percebe-se uma remodelação da representação juvenil, a partir da dicotomia que emerge nas classes sociais; aqui considerado o principal fator que define a pluralidade das juventudes. Apesar de a delimitação do grupo populacional jovem sofrer variações segundo contextos particulares, convencionou-se o estabelecimento de ciclos de idade, definidos a partir de fatores relacionados à aquisição da autonomia, inserção no mercado de trabalho, expectativa de vida da população, dentre outros fatores (AQUINO, 2009).

Esses fatores se fazem significativos à medida que a juventude contemporânea se configura enquanto uma categoria que já tem condições de produzir e de se inserir ativamente na lógica de mercado, mas que, ao mesmo tempo, ainda é considerada enquanto uma etapa de preparação para tornar-se produtiva na sociedade.

Neste caminho, propõe-se um olhar para a juventude como uma construção social. Aponta-se para a necessidade de se pensar em diversas juventudes e nos diferentes jovens em seus desenvolvimentos, considerados a partir de seus contextos e realidades. Considera-se também para a investigação a possível interferência do contexto sociocultural e elementos específicos de sua organização que influenciem no entendimento sobre a juventude e o que é ser jovem e quais as perspectivas futuras para tal grupo; principalmente para jovens mais vulnerabilizados socialmente.

O trabalho utilizou a definição de jovem aquele que está entre 15 e 29 anos (Estatuto da Juventude, 2006) e busca esforços para explorar e analisar as formações sociais e implicações na formação do jovem, em seus aspectos oriundos da fase e relacionadas ao contexto social. Encontrou caminho de orientação para os questionamentos apresentados e analisou a organização social em seus discursos, arranjos, códigos e representações que compõem as visões da sociedade sobre a juventude e sobre os próprios participantes de tal categoria sobre o que é ser jovem.

Ressalta-se que, por vezes, o conceito de juventude foi utilizado de forma abrangente e homogênea em algumas exposições descritas. Entretanto, não tem por razão desconsiderar as especificidades frente o que é ser jovem, nas mais diferentes realidades, totalmente atravessadas por questões históricas, econômicas, políticas e socioculturais. Assim como entendeu-se de grande importância alimentar as discussões conceituais a partir de intersecções de gênero, classe e raça que trouxeram à luz, significativamente, outras diferenças em termos de vivências, construções sociais, perspectivas acerca da juventude e possibilidades de futuro.

Desse modo, a presente dissertação apresentará, em seu primeiro capítulo, uma discussão acerca da temática da juventude a partir diferentes conceitos e concepções

relacionados a estudos e teorias sobre as idades da vida, debates sobre o desenvolvimento e fases geracionais, ao longo dos últimos anos. Além disso, traz maior ênfase para as visões sobre a juventude como uma construção social e em consonância com estudos de ampliam esse entendimento, como os que abordam à juventude e representações sociais.

No segundo capítulo, tratará o tema futuro em uma perspectiva de construção acerca da juventude; com questões relacionadas à orientações temporais e sociais que compõem os entendimentos sobre o tema, assim com experiências vividas pelos jovens e as exigências presentes nos projetos de vida e/ou educacionais dos mesmos.

O terceiro capítulo abordará a Teoria das Representações Sociais, de Serge Moscovici, oriunda da Psicologia Social em sua vertente Sociológica, como arcabouço teórico que organiza a presente pesquisa e orienta as ideias de todo o trabalho. Ela aparecerá em seus aspectos de origem, definições, abordagens e, especificamente a Teoria no Núcleo Central como o suporte para análises propostas na metodologia utilizada.

O quarto capítulo disponibilizará o desenho metodológico da pesquisa que permitiu todos os procedimentos de coleta e análise de dados, seguido do quinto capítulo, com a apresentação dos resultados e discussão que permitiram chegar as considerações finais e sugestões de pesquisas futuras.

OBJETIVOS

Objetivo Geral

Identificar as representações sociais acerca do futuro e da juventude com jovens no Brasil

Objetivos Específicos

- Identificar, utilizando a Teoria do Núcleo Central, a estrutura das representações sociais de futuro
- Levantar informações sobre as relações entre a construção social da juventude e projetos de futuro
- Discutir sobre a situação do jovem, seus desafios e dificuldades frente às possibilidades educacionais e sociais
- Ampliar os estudos sobre a juventude com uma construção social, a partir das contribuições teórico- metodológicas da Teoria das representações Sociais;

1 CAPÍTULO I

JUVENTUDE

1.1 Juventude e Adolescência : conceitos e concepções

Enquanto conceito, a noção de juventude acompanhou certa imprecisão ao longo dos anos e, desde então, atrelou-se a certa complexidade no que diz respeito à sua definição. Sua demarcação como período específico se apoia em aspectos culturais e sociais. Segundo Abramo (2004): “Ao longo da vida humana, a juventude tem sido identificada como uma fase etária intermediária, de transição da adolescência para a adulta.” (p.17).

Ao retomar os estudos de Ariés (2006), é possível entender que a juventude que se fala hoje, ainda é um conceito recente, com sua mais clara definição sugerida pós- segunda guerra. Essa concepção, definida pela primeira vez como uma fase do desenvolvimento situada entre infância e idade adulta, marcada por características específicas e atravessada por questões conflitantes deu início a um movimento para construção do conceito relacionado a mudanças biológicas, psicológicas e sociais, que contribuiria para o interesse sobre quem são os jovens, o que desejam e como se comportam.

O conceito de juventude, portanto, implica na tomada de um caminho permeado por muitas tensões – as quais se deixam traduzir, entre outros aspectos, pela extensa multiplicidade de significados atribuídos ao tema. (ESTEVES & ABRAMOVAY, 2008)

A adolescência e a juventude são vistas conceitualmente de forma diferentes no que diz respeito aos aspectos social, cultural e emocional. O termo juventude é entendido como mais dinâmico coletivo e refere-se ao um segmento da população que faz parte de determinada sociedade. Já a adolescência remete a um aspecto mais individual e marcado cronologicamente. (WERTHEIN 1998 apud LEITE 2014)

Na sociedade ocidental o conceito de adolescência ganhou força na década de setenta e oitenta do século passado através de publicações da psicanálise e ciências sociais que a denominavam como uma etapa do desenvolvimento humano. (COUTINHO, 2009). Como objeto de estudo da Pedagogia e da Psicologia, passou a ser considerada uma etapa evolutiva dentro de um processo de amadurecimento do indivíduo; processo pelo qual a escola participava de forma ativa. Uma a ideia de evolução – que veio nortear igualmente a percepção de homem e realidade social – trouxe como consequência a segregação da infância e da adolescência do mundo dos adultos, que passou a confiná-las a espaços adequados aos seus graus de maturidade e a vigiá-las contra desvios que comprometessem seu desenvolvimento [...] (ROCHA, et al,2008, p.625)

Para Castro, (1999), as características econômicas e socioculturais da modernidade proporcionaram modificações significativas nas classes sociais e em torno das faixas etárias. De modo que ocasionaram uma categorização e compartimentos nas realidades sociais. A partir disso, a individualização em torno das classes sociais, redefiniu as considerações sobre infância e adolescência e as direcionaram a uma trajetória individual, preocupada com a preparação para um curso de vida sequencial, que fora apontado a partir do ponto de vista de Teorias do Desenvolvimento.

Tem-se a impressão, portanto, de que a cada época corresponderiam a uma idade privilegiada e uma periodização particular da vida humana: a “juventude” é a idade privilegiada do século XVII, a “infância”, do século XIX, e a “adolescência”, do século XX. Assim, passamos de uma época sem adolescência a uma época onde a adolescência é a idade favorita. Deseja-se

chegar nela cedo e nela permanecer por muito tempo. (ARIÉS, 2006, p. 15-16).

Retomando a juventude, em uma primeira concepção foi compreendida e fortemente defendida como um momento de preparação marcado pela transição entre infância e fase adulta; Posteriormente, fortemente influenciada pelos impactos de crises econômicas, a juventude passaria a ser vista como uma problemática social atrelado a impactos negativos. Surge então, a partir daí, a preocupação com comportamentos de risco, transgressão, violência, ameaças a ordem social, assim como a escolha dos temas para pesquisas que trariam orientações para respostas públicas para juventude, em meados de 1980 a 1990. (ABRAMO, 2005)

Historicamente, podemos caracterizar de acordo com Ribeiro (2004), que o século XVIII, foi entendido como um marco para os anseios sobre a juventude. O contexto era de Revolução Francesa, que ilustrou a busca pelos processos sociais que envolviam os jovens e as formas como o grupo se expressava, assim como quais eram seus gostos, opções de vida. Tal autor aponta que a inserção da temática era emergente, assim como serviria de afirmação para a forma que a juventude seria compreendia nos próximos tempos.

Nesse cenário, segundo o autor, que surgem as aspirações por transformação e, principalmente atreladas aos jovens. Nesse período, fazer a revolução talvez tenha sido, durante boa parte do século XX, uma das grandes motivações dos jovens.

Esteves e Abramovay (2008) afirmam que foi somente a partir do século XVIII, com a eclosão da Revolução Francesa, que o modo como a juventude vem sendo interpretada atualmente passou a emergir, pois até então a juventude não era identificada como fazendo parte da vida das pessoas.

Prossegue Ribeiro (2004), assinalando que desde a metade do século XX a juventude é, então, disputada por duas importantes forças, ainda que “mais ou menos antagônicas”, quais sejam, por um lado, a noção de revolução, de não acomodação, e, por outro, a publicidade, cristalizando um determinado ideal social que, passados mais de duzentos anos, “talvez jamais termine”, visto que:

Ao longo do século XX e no início do XXI, as ciências humanas e psicológicas constituíram diversas teorias e concepções sobre a juventude que passaram a considerar mais os fatores sociais e culturais. Tomando de empréstimo os termos que Tomaz Tadeu da Silva (2010) utilizou para descrever a trajetória das teorias do currículo, creio que podemos classificá-las em teorias tradicionais, críticas e pós-críticas da juventude, conforme definições melhor expostas adiante. (CARDOSO, 2015, p.4)

Para Menicucci (2018), os debates no Brasil a partir da década de 90, produziram inflexão no entendimento do que seria a juventude e suas necessidades só ganharam força a partir da década de 2000.

No início da década de 2000, a juventude passa a ser reconhecida como uma categoria social, que por suas particularidades demandou políticas públicas específicas. As primeiras políticas públicas para a juventude adotadas a partir de 2005 foram orientadas por uma nova visão do conceito, da caracterização e das especificidades da juventude, tendo em vista as variadas dimensões que afetam as condições de vida desse segmento populacional, como a pobreza, as desigualdades, a inserção no mercado de trabalho, as expectativas de futuro e o acesso a bens e direitos. Naquele momento entendia-se que não havia políticas para o segmento jovem, na medida em que as ações públicas e estatais estavam delimitadas pelo conceito de

adolescência, abrangendo indivíduos até 18 anos de idade, como definido no Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990. (MENICUCCI, 2018, p.164)

A partir desse movimento e outros amparados por engajamento da sociedade civil, debates promovidos contribuíram para a transformação da representação negativa do jovem anteriores da história do Brasil. Uma inversão da visão do jovem como um ator estratégico para o desenvolvimento do país é apresentada e firma-se o entendimento de que a juventude tem certas especificidades em relação a outros modelos do ciclo de vida, as quais associadas a outras modificações sociais e comportamentais no mundo atual demandariam cuidados e políticas pública específicos. Em uma nova concepção, o jovem passar de sujeito problema para sujeito de direitos universais, geracionais e singulares.

Assim, em 2006, surge a Política Nacional de Juventude (PNJ). Nessa política, passa a ser considerada jovem toda pessoa que tenha entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade, abrangendo parte do período considerado como adolescência. Porém, a juventude apresenta-se nesse seguimento como uma condição de vida muito além da faixa etária, com características próprias e como um grupo reunido por um conjunto de fatores que o diferencia dos outros agrupamentos existentes na sociedade. Tal proposta destaca uma subdivisão em três categorias de acordo com faixa etária- de 15 a 17 anos, são os jovens-adolescentes de 18 a 24 anos, são os jovens-jovens e os de 25 a 29 anos, considerados como jovens- adultos.

O Estatuto da juventude é aprovado em 2013, mas em 2008 aconteceu a I Conferência Nacional da Juventude. Em seguida, programas de apoio aos jovens, principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade foram construídos, assim como a criação da Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e o Conselho Nacional da Juventude (CONJUBE), (MENICUCCI, 2018).

Os chamados jovens adolescentes fazem parte da política dos adolescentes representada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8089/1990), que considera aquela pessoa entre doze e dezoito anos de idade “sujeito em desenvolvimento e formação biopsicossocial”.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OPS/OMS), juventude é composta por sujeitos entre 15 e 24 anos, em condições de preparação para a fase seguinte, que é a vida adulta. Nesse conceito, considera-se ainda, uma categoria sociológica.

As Nações Unidas definem “juventude” como a faixa etária que abrange pessoas entre os 15 e os 24 anos de idade. No entanto, destaca que a experiência de ser jovem pode variar em todo o mundo, e que, muitas vezes, juventude é uma categoria fluida e mutável. (UNESCO, 2004)

Pode-se dizer que, neste campo de debate recentemente constituído no Brasil esboçam-se alguns consensos e anunciam-se algumas questões polêmicas, a respeito de como tomar o jovem como sujeito de direitos e foco da ação pública. Em primeiro lugar, afirma-se a necessidade de tomar como ponto de partida a especificidade da condição juvenil frente a outros momentos do ciclo de vida, levando em conta a dupla dimensão que a compõe. (DAYRELL, 2003)

A noção de adolescência conceitualmente está mais consolidada, clara e difundida na sociedade brasileira, contando com maior institucionalidade (da qual o marco legal, o ECA, e a existência de conselhos tutelares e de defesa em todos os níveis da federação são sua maior expressão). De acordo com Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência tendo início a partir dos doze anos de idade e finda com dezoito anos incompletos. A maior parte dos estudiosos sobre a temática, instituem que o adolescente é aquela pessoa que se encontra entre doze e dezoito anos e vive um período de mudanças físicas, cognitivas e sociais que, juntas, ajudam a traçar o perfil desta população. Atualmente, fala-se da adolescência como uma fase do desenvolvimento humano que faz uma ponte entre a infância e a idade adulta.

Nessa perspectiva, a adolescência é compreendida como um período atravessado por crises, que encaminham o adolescente na construção de sua subjetividade. Porém, a adolescência não pode ser compreendida somente como uma fase de transição. Na verdade, ela é bem mais do que isso. (UNICEF; FROTA, 2007)

Estudos do Relatório da Situação da Adolescência Brasileira, gerenciado pela UNICEF (2002) destacam a importância de entender a adolescência como uma fase específica do desenvolvimento humano caracterizada por mudanças e transformações múltiplas e fundamentais para que o ser humano possa atingir a maturidade e se inserir na sociedade no papel de adulto. Porém, é de suma importância acrescentar que ela é muito mais que uma simples etapa de transição, pois contempla um grupo que apresenta especificidades e uma riqueza em potencial.

A adolescência “não pode ser compreendida como uma condição homogênea, uma vez que é atravessada por grandes diversidades e desigualdades, em seus aspectos naturais, culturais e sociais”. (UNICEF, 2002). Ela é uma formação social, que deve ser entendida a partir da contextualização de um tempo e espaço, que pode ser evidenciada em determinado grupo social e não tão clara em outros; há uma adolescência enquanto significado social, mas suas possibilidades de expressão são múltiplas. (BOCK, 2007)

Porém, nem sempre foi assim. Coutinho (2009, p.137) afirma que, “somente no século XX que o conceito social sobre a adolescência se consolidou”. Desde então, o interesse pela mesma, tornou-se mais presente e preocupou-se em saber o que queriam os seus representantes e quais eram seus costumes e anseios. Em conjunto, era presente uma ambivalência entre os interesses sobre adolescência; representado de um lado, certo fascínio e por outro a necessidade de controlá-la.

Cada vez mais, os adultos deslocaram seu olhar das crianças para os adolescentes, formando-se a partir daí um ideal de identificação e com amplo desejo de permanência tal fase pelos adultos. O que entra em jogo, nesse momento, é o “espírito adolescente”, o compartilhamento de o símbolos sociais, costumes e ideias cultuados por pais e adolescentes; o que gera mais encontros do que conflitos geracionais. (CALLIGARIS, 2000).

Autores de orientação psicanalítica abordaram a adolescência como uma fase de transição para a fase adulta, marcada por características da puberdade; muitas vezes atravessada por crises e dificuldades que tomavam um rumo natural. Aberastury (1981), por exemplo, apresentou a chamada “síndrome normal da adolescência”, afirmando que a problemática do adolescente começa com as mudanças corporais, com a definição do seu papel na procriação e segue-se com mudanças psicológicas.

Complementa que é o momento crucial na vida do homem e constitui a etapa decisiva de um processo de desprendimento que começou com o nascimento. Para ela, as mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que estão em correlação de mudanças corporais, levam uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância.

Outro autor dessa roupagem, Knobel (1981), destaca a importância da consideração da influência de fatores sociais na adolescência, mas enfatizando que estes não devem apresentar supremacia sobre as características biológicas. Desta forma, deve-se considerar adolescência como um período em que acontecem mudanças biológicas da espécie humana, e por outro lado, estudar as circunstâncias advindas do contexto sociocultural. Para ele, [...] “não há dúvidas de que o elemento sociocultural influi com um determinismo específico nas manifestações da adolescência, mas também temos que considerar que por trás dessa expressão sócio cultural existe um embasamento psicobiológico que lhe dá características universais. [...]”(p.25).

Assim, ainda que a adolescência tenha se configurado como uma fase de transição entre infância e idade adulta durante muito tempo e com características específicas, até os dias de hoje, existe certa imprecisão referente a sua definição e, mais ainda, ausência social de modelos definidos de seus representantes. Diferente do que esses teóricos traziam em suas visões naturalistas.

Para Calligaris (2000), teria então os adolescentes na contemporaneidade, através das identificações sociais buscarem entender aos poucos qual é seu papel. Junto a isso, quais as expectativas advindas do meio o qual estão inseridos, quais os lugares que deverão atuar e, tudo isso, pautado pelo olhar dos adultos. Portanto, o acesso à idade adulta em nossa cultura vai acontecer a partir de um olhar, um consenso de quem nem sabe articular suas condições, sendo necessário procurá-las interrogando e interpretando o desejo dos adultos.

As características individualistas da sociedade pós-moderna, trouxeram para os adolescentes a busca no contexto social para seu papel e espaço e junto dela a pressão por correspondência às determinações sociais. Assim, adolescência diante destas características, vai consistir em um trabalho psíquico, frente a modificações corporais e inteiramente relacionadas às condições sociais. (COUTINHO, 2005)

Grosso (2000) vai mais adiante e apresenta uma reflexão que conecta, de certa forma, adolescência e juventude. Ele diz que a partir de um processo de ordenação dos papéis e lugares sociais, frente às novas características apresentadas pela modernidade, houve construções de identidades próprias da adolescência e criação de grupos que distribuíam modelos, hábitos e ideologias que marcavam o perfil do adolescente e do grupo juventude. Estes, possuiriam certa autonomia, seriam paralelos ao mundo adulto e uma nova possibilidade de mitificação da juventude.

Rocha (2008), complementa que esta mitificação no âmbito da política e do social não se sustentou, mas em relação aos costumes e modo de vestir, foram aproveitados pelo novo modelo socioeconômico como uma forma de disseminar o espírito de juventude. Com a forte influência deste modelo vigente sobre os costumes e comportamentos das pessoas, a emergência da lógica do consumo se torna cada vez mais presente e acarretada novas significações nos estilos de vida. “Assim, a mitificação da juventude dá lugar a idealização da juventude e, mais também da adolescência.” (p. 626)

Desde então, a adolescência hoje está atrelada a um contexto sociocultural, pautado pelo individualismo, referido a responsabilidade de cada indivíduo administrar seu próprio destino, perpassado pela ideia de um sonho de liberdade, almejado pelos mesmos. Diante disso, espera-se que o sujeito adolescente constantemente adquira sucesso pleno em suas escolhas, sejam estas profissionais, amorosas ou financeiras. (COUTINHO, 2005)

1.2 Juventude e Adolescência como uma moratória social

Para Cardoso (2015), a tese da moratória social da juventude foi construída, ainda de que de forma indireta por sociólogos, mesmo sem fazer uso do termo, como Karl Mannheim, ao lado de psicólogos como Erik Erikson. Ambos detectaram um dado elemento da realidade social a moratória social é conformada como ideia descritiva e conceito prescritivo, têm este caráter ambíguo, misto de ciência e política.

Por sua vez, Erik Erikson (1976) também contribuiu sobremaneira para o delineamento da concepção de adolescência ao postular uma teoria psicossocial do desenvolvimento. O autor referiu-se à adolescência como fase marcada pela “crise de identidade”, caracterizada pela dinâmica do conflito. Erikson destacou o conceito de moratória social, compreendendo a adolescência como uma fase de transição entre a infância e a vida adulta, um momento preparatório no qual, diante dos conflitos enfrentados para a constituição da identidade, o adolescente protela o comprometimento com as tarefas do mundo adulto e, neste processo, vai

provando diferentes papéis sociais como forma de descobrir o que e como deseja ser, ou seja, vai formando sua identidade. (FRANZI; ARAÚJO, 2018.p.81)

Erikson (1968) considera a adolescência como um período de mudanças, físicas e psíquicas, mas que o social exerce também um papel importante. Ele diz que a adolescência se denomina de uma “moratória social”, um compasso de espera que a sociedade oferece a seus membros jovens enquanto eles se preparam para exercer seu papel de adultos. Característica esta notória em nossa sociedade, visto que não dotamos de caminhos específicos que marquem a entrada no mundo adulto.

Para o autor, a visão a partir das teorias que central a sexualidade é cedida para a consideração dos fatores socioculturais. O de adolecer é fundamental para o desenvolvimento do eu, podem remeter o adolescente a uma crise de identidade com resolução consolidada na personalidade adulta, mas sua homogeneização só podem ser analisadas à luz da própria sociedade. Assim, as características “naturais” da adolescência somente podem ser compreendidas quando inseridas na história que a geraram. (PITOMBEIRA, 2005 apud FROTA, 2007, p.155)

Desta forma, seria nesse período que o jovem busca explorar alternativas e experimentar papéis que permitam certo movimento para um trabalho de elaboração interna e que também recebe influência das exigências e necessidades socioculturais. (CHIUZI; PEIXOTO; FUSARI, 2011)

1.3 As Juventudes como construções sociais

As juventudes como uma construções sociais, apontam para um conceito relacionado à identificação e compartilhamentos de costumes. Uma categoria social com características próprias, vivenciada de forma singular a cada sujeito e inserida no campo social, diante de suas estruturas e organizações, que contribuem e atingem os jovens em seus processos de formação. (RAITZ, 2008)

Entretanto, como afirma Bock (2007), a psicologia e outras áreas da ciência apresentam interesse e dedicação aos estudos sobre os jovens, mas perdem a oportunidade de ampliar os fatores relacionados a esse grupo social e contribuir para as políticas e modelos de atendimento. Fazem isso, quando trazem um conceito abstrato com características naturalizantes; o que tratamos aqui como juventude é nomeada por eles como adolescência e, na maioria das vezes, pautada em um modelo de jovem burguês, branco e europeu. Uma conceituação reducionista que não contempla os recortes no que diz respeito à classe, gênero e raça.

Já em estudos mais próximos ao campo sociológico, no final do século XX, encontramos a visão de juventude ancorada em um caminho mais crítico frente às visões hegemônicas criadas no início do século XX. Teorias essas, entendidas como tradicionais da juventude que consideravam os grupos por uma função de socialização secundária, com a integração do indivíduo em uma estrutura social que não é posta em causa por esta corrente teórica. Dos jovens é que vem o risco da “anormalidade” e desvio, em especial desde a delinquência dos novos – tema destacado das pesquisas de campo das teorias tradicionais da sociologia da educação. (CARDOSO, 2015). “Nesse sentido, as teorias pós- críticas, encaminham a sociologia da juventude para uma posição pós- moderna” (p.5)

Estas primeiras teorias críticas combinaram, em diferentes ênfases, conforme o autor, a noção de geração e a noção de moratória social. O traço crítico destas teorias que abordam a geração e a moratória reside no fato de que tendem a reconhecer o papel das juventudes na transformação social e atribuem um sentido positivo a este papel.

Como se verá, entretanto, libertam-se pouco da concepção “naturalista” de juventude. (CARDOSO, 2015, p.5)

Assim, tais teorias, segundo o autor supracitado, têm como característica principal a relação que fazem entre estrutura socioeconômica e a experiência da juventude. Os inúmeros modos de vivê-la, incluindo grupos (como as camadas populares e as mulheres) que enfrentam a negação total ou parcial do direito de viver a juventude.

As grandes maiorias dos estudos sobre juventude demonstram que o tema “questões da juventude” aparecem por diversas vezes ao longo dos anos; seja para uma repercussão de conotação negativa ou positiva. Nas sociedades modernas, especificamente, a partir do século XVIII e XIX, com a ascensão do capitalismo e industrialização, a juventude ganhou espaço em pautas entendidas como problemáticas; uma questão imposta como um modo de vida desregrado, formador de processos indisciplinados. (CASTRO et al, 2009)

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo uma representação sociocultural e uma situação social...Ou seja, a juventude é uma concepção, e representação e criação simbólica fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos a ela atribuídos. Ao mesmo tempo é uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 2000, p.7-8)

Nesse sentido, para o autor é uma categoria que opera tanto no campo imaginário quanto no social para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É um dos elementos “estruturante” das redes de sociabilidade.

Diante disso, é inegável corroborar com Martin et al (2019), quando afirma que para entender a juventude, como construção social diversa, é preciso contextualizá-la a partir de relações, com gênero, raça, cultura e classe social. Que não há uma única juventude, e sim várias formas de vivências de juventudes. O jovem, portanto, se encontra em todos os espaços, vivendo as mais diferentes realidades.

Falar sobre juventude implica ainda considerar que a condição juvenil abrange uma multiplicidade de situações e de sujeitos que vivem esta fase de suas vidas de maneiras diversas, partem de marcos distintos, seguem diferentes trajetórias e tomam rumos variados. Em um país como o Brasil, de diferenças e desigualdades tão evidentes, a tentativa de identificar “a” juventude brasileira torna-se exercício de inócua abstração. São inúmeros os recortes que interferem nas trajetórias dos jovens - classe, raça, gênero, etnia, região – e estes recortes os tornam mais incluídos ou menos excluídos, fazem suas possibilidades de acesso mais próximas ou mais distantes, suas perdas mais leves ou mais profundas. (PAULILO, 2013, p.136)

O autor complementa que para se tratar a desigualdade no campo da juventude implica em falar de políticas para a juventude e, especificamente em políticas de inclusão social. Políticas estas que devem estar ancoradas em modelos de gestão que efetivem a construção de um sistema que assegure a todos os cidadãos, seja criança, jovem ou adulto, a proteção em caráter. Para ele, há necessidade de agregar elementos essenciais a uma política que se quer pública e contemple as demandas da juventude para de canais de organização, de participação e de representação que não se tornem corporativos, o reconhecimento da diversidade da juventude, a constituição de uma abordagem transversal da temática da juventude, entre outros (PAULILO, 2013)

1.4 Juventudes e Representações Sociais

A Teoria das representações sociais tem como base a ideia de que tendemos, como estratégia cognitiva e social, a “transformar o não familiar em familiar” conforme diz Moscovici (1984). Ou seja, precisamos dar sentido àquilo que desconhecemos ou não estamos familiarizados. E, um ponto crucial da teoria é defender que não fazemos isso sozinhos. Produzimos um conhecimento socialmente compartilhado e consensual sobre os objetos sociais que estão no mundo. Indicam ainda que esse fenômeno é representado pelo resultado das tentativas humanas de produzir sentido e utilizado para comunicação e coordenadas de ações. Sendo assim, elemento fértil sobre a vida em comunidade, ou seja, saberes criados no senso comum que podem se modificar a partir da emergência de novas representações e que circulam na sociedade e possibilitam a compreensão da construção partilhada de certos objetos sociais. (VALA & CASTRO, 2013)

Dessa forma, se destaca a importância da contribuição de pesquisas sobre a juventude por autores que utilizam a Teoria das Representações Sociais. Uma vez que elas se debruçam tanto na influência dos contextos sociais para os sujeitos quanto na participação dos mesmos na construção de suas realidades sociais. Movimento esse, que põe em questão o lugar do sujeito nas ciências sócias e o empurra para a condição de ativo e pensante. (LEITE, 2014)

Uma pesquisa sobre “Representações sociais sobre os jovens no contexto do novo coronavírus” por Souza et al (2022), trouxe o tema juventude a partir de veículos de comunicações e conclui que a representação social do objeto juventude está ancorada em alguns discursos relacionados às questões socioeconômicas introduzidas no cenário brasileiro mais recentemente, que se ligam a outros pontos correlatos. Além da prevenção e minimização do impacto da COVID-19, as representações da juventude que estão ancoradas na crença do jovem como ser despreocupado com a dinâmica coletiva e muitas tensões políticas presentes no meio social de diferentes maneiras, com diferentes sentidos e intensidades, produzindo representações sociais diversas, mesmo que os argumentos digam respeito a uma mesma realidade social. (SOUZA, et al, 2022).

Em conjunto, outra pesquisa com o tema jovens trabalhadores e futuro apresentou na representação elementos centrais, tais como família e responsabilidade. Nessa análise, o futuro para esses jovens, está vinculado à família e ao trabalho; além de vinculado à crença em um viver bem sucedido e feliz. E ainda, um indicativo das práticas da juventude do presente referidos à diversão e aos amigos e, ao representarem o futuro, eles vinculam as práticas sociais à dedicação, ao esforço e ao compromisso. Assim, como no futuro, os jovens também não representam o trabalho com o termo alegria. (MESQUITA et al, 2022)

O mesmo estudo apontou que jovens não representaram demandas sobre questões estruturais da sociedade que fossem vinculadas ao trabalho e à educação, importantes para o futuro dos mesmos. Demanda essa que foi apresentada como uma condição que deixa os jovens em desvantagem em relação às camadas com maiores rendas, tais como: falta de disponibilidade de emprego, baixos salários, dificuldades de transportes, educação de má qualidade. “O foco das representações dos jovens recaiu sobre questões individuais, do fazer individual e não da coletividade, em questões estruturais. O trabalho intelectual hipervalorizado frente ao trabalho manual está presente no cerne dos valores da sociedade brasileira, e a juventude pobre brasileira se constitui nesse seio de interesses. E isso, se não produz, ao menos reproduz a forma como os jovens representam socialmente suas perspectivas futuras.” (MESQUITA, et al, 2022, p. 16-17)

2 CAPÍTULO II - CONSIDERAÇÕES SOBRE O FUTURO A PARTIR DE UM OLHAR PARA AS JUVENTUDES CONTEMPORÂNEAS

2.1 É possível definir o futuro?

A palavra futuro em sua origem etimológica, vem do latim *futurus*, *a, um*, particípio futuro de *sum, esse*, ser. Ao tomar o futuro em seu sentido literal, de acordo com o dicionário da língua portuguesa, por exemplo, tal conceito pode ser lido como: o que há de ser, acontecer ou há de vir; que se prevê que venha a ter determinado estado ou qualidade em um momento próximo. Em um lugar de substantivo poderá ser também ser tomado como *destino, porvir, o resto da vida*.

Todavia, o filósofo Elias (1984-1986), já apontava que as orientações temporais e sociais fazem parte de indicadores diferentes em épocas de pensamentos distintos na humanidade. Para o autor, a chamada consciência temporal, ou seja, um modo de compreender e vivenciar o tempo, não é nem um dado biológico, nem um dado metafísico, mas trata-se de uma dimensão social que muda com o seguimento das gerações e de acordo com novos hábitos, condições de desenvolvimento distintas e as estruturas sociais vigentes. Nesse sentido, para ele, a capacidade de temporalização resultava de um processo de socialização e evolução a partir das dimensões concretas para as abstratas; quanto mais as sociedades se diversificam mais os conceitos temporais tendem à abstração, a níveis maiores de síntese conceitual.

Ao retomarmos, o entendimento sobre futuro, Leccardi (2005), em seus estudos, aponta que o tema já anunciado pela modernidade era visto como um fenômeno aberto, inacabado; e o futuro do contemporâneo também se caracteriza por algo indeterminado, indeterminável e governado pelo risco. De alguma maneira desde as influências da construções advindas da modernidade, a sociedade se expõe a um conjunto de exigências e simbolismos sociais que contribuem para sensação e exposição à necessidade de uma preparação para uma vida progressa, em construção, uma ideia de busca incessante.

Como afirma Gourevitch (1975), desde esta época, o futuro torna-se o centro da práxis humana e começa a representar a aposta, o risco e o desafio a serem enfrentados. Sendo assim, tal acontecimento passa a depender inteiramente do agir dos sujeitos. Em um ideal de projeção o futuro tonar-se-ia um costume e dimensão separados do presente e diferente do passado; uma instância com ideais controláveis e planificáveis, com suposições de concepção linear do tempo na razão e cultura europeia.

Portanto, o futuro passa a ser considerado uma dimensão depositária vinculada ao sentido de agir e toma um lugar representado como tempo estratégico, de construção, planejamento, ou seja, primordial para o que cada um virá a ser; uma espécie de veículo pelo qual em direta ligação com o passado, a narração biográfica toma forma, o diferimento da recompensa pode, então, ser aceito. (LECCARDI, 2005)

Nesta perspectiva, como afirma Galvão (2020), o futuro ocupa um lugar de construção para a vida; um projeto que define o que se fará depois, assim como faz parte da definição sobre quem será. Tal movimento vem acompanhado de um conjunto de exigências e habilidades a serem adquiridas como: auto controle, condutas para programação de tempo e tarefas, tornando o presente e cotidiano como uma espécie de programação a ser vivida e experimentada de modo consciente e racional, ou seja, inclinada aos interesses e compromissos futuros.

Entretanto, autores como Bauman (2000), apresentam questionamentos diante de tal debate sobre: como pensar essa ideia de tempo e identidade, projeção e recompensas no clima

contemporâneo atual marcado por incertezas e instabilidades? O autor também destaca que frente ao dinamismo da sociedade e relações atuais e mudanças aceleradas, a capacidade de performances são imperativos quando o imediatismo e parâmetro para ação, sendo assim, planejar e projetar uma vida passa a ser insensato e frustrante.

Estudos a partir da Psicologia Cultural, por exemplo, propõem análise de fenômenos humanos a partir de uma orientação prospectiva no lugar de focalização do passado a partir de um entendimento que o mesmo está em constante atualização e um direcionamento para o futuro. (GALVÃO, 2020)

Além disso, fica claro que as sociedades desde a modernidade não só contribuíram para tais apontamentos acerca dos modos de vida e construções relacionadas ao futuro como ancorou tais ideias em mecanismos com arranjos universais, como a chamada meritocracia. Young (2002), afirma que a sociedade influenciada pelas construções modernas se representam como meritocrática, alimentando a ideia uma posição social percebida como reflexo das capacidades individuais.

Para o autor, o critério da meritocracia predomina nos imaginários a partir do entendimento que cada um ocupa um lugar na sociedade conforme seus méritos e esforços; neste tipo de sociedade meritocrática as recompensas e sucessos são atribuídas a e as habilidades pessoais atingidas a partir dos elementos anteriores, trazendo garantia de acesso igual ao mercado de trabalho. “É o mérito que define trajetórias profissionais, mas gera uma situação paradoxal, na medida em que os jovens são educados, mas não há empregos.” (YOUNG, 2002)

2.2 Juventudes, Educação e Projetos de Vida: debates e entrelaces atuais

Como apresentado anteriormente, as sociedades atuais não se organizam como lugares acessíveis e oportunidades para todos. Nesse sentido, a ideia de preparação, organização e controle das ações para atingir um futuro planejado fazem parte do conjunto de contradições do que se impõe e espera e o que se constrói, principalmente em relação aos jovens e as juventudes.

Esteves e Abramovay (2008), afirmam que o público jovem, nos últimos anos, tem sido interesse de trabalhos, pesquisas, política e aproximações. Ações estas baseadas na ideia de preservar e construir o futuro, além de encontrar meio de controlar, no lugar de colocar as juventudes como peças importantes a serem comprometidas com o futuro das nações.

Dessa forma, tais contradições se expressam quando os mecanismos para o acesso à educação, saúde, condições dignas de vida não são garantidas de forma igualitária, por exemplo, aos meios de formação, carreira profissional e entrada no mercado de trabalho, (DUBET, 2003; 2004).

Lebourg (2021) apresenta que mais existem milhares de jovens no Brasil, de acordo com o censo do IBGE (2019) que cursam o ensino médio; aqueles de camadas populares enfrentam desafios com permanência na escola, distorção série e idade, além de rupturas e reprovações vinculadas a tais processos.

Entretanto, a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho e o êxito profissional ainda estão intimamente relacionados ao sucesso vida dos filhos escolar. Assim, para os autores, elementos como as arranjos familiares, culturais e de modos de vida podem influenciar diretamente nos projetos de futuro.

As famílias pertencentes as classes mais populares, por exemplo, podem buscar no investimento à educação, incentivo por bons desenvolvimento nos estudos como um modo de reorganização familiar e gerando nos filhos as expectativas de uma gerações mais escolarizadas em suas histórias. (LAHIRE, 1997). Porém, o final dos segmentos estudantis relacionados a juventude como ensino médio e graduação não apresentam garantias concretas

e, muitas vezes, expõem os jovens a fases de incertezas em relação a futura participação do jovem no mercado de trabalho. (LEBOURGET e al, 2021)

Para autores como Sposito (2017), em um contexto marcado de incertezas que faz parte do cotidiano dos jovens na atualidade, relacionado à questões econômicas, sociais e psicológicas, torna-se necessário à participação da sociedade no auxílio aos jovens em relação a trajetória de pensar o futuro a partir das condições concretas de vida.

Questões como conflitos, violências e injustiças que atravessam o cotidiano escolar e social dos jovens têm interferido nos processos de subjetivação e constituição identitária, bem como nas possibilidades de inserção social e profissional diante da precarização da formação e do trabalho, do individualismo, da mudança rápida da tecnologia e da dificuldade concreta de realizar um projeto de vida e profissional. Nesse contexto, a pergunta que perpassa todos os textos e é em que medida o processo educacional, suas políticas e diferentes espaços e propostas podem dar resposta a essas inquietações. (ADAM, 2020)

Assim, cabe ressaltar que diferentes estudos apontam que temáticas juventude, educação, violência e perspectivas de futuro, tem mobilizado diferentes setores da sociedade no sentido de pensar a respeito de alternativas que contemplem as angústias e expectativas de jovens e adolescentes de diferentes classes sociais, mas principalmente daqueles desprovidos de oportunidades de inserção social e profissional.

Por fim, nas construções atuais, a relativa incerteza própria da juventude é multiplicada por incertezas que derivam das muitas possibilidades sociais e da variedade de cenários onde as escolhas podem estar situadas. Isso porque, a conjuntura atual se apresenta de forma complexa e desigual, de modo ainda que alguns elementos sejam comuns a todos os jovens, são os pobres os que mais experimentam os desafios e impossibilidades sociais, já que sua condição impõe limites mais rígidos e definidos para a realização de escolhas e oportunidades. (ADAM, 2020)

3 CAPÍTULO III

A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

3.1 Origem, Definições e aspectos históricos

O tema representações sociais, enquanto conceito e fundamento, que mais tarde serviria como base para o surgimento de uma teoria dentro da Psicologia Social, teve sua origem em meados da década de sessenta e setenta do século XX através dos estudos do Serge Moscovici; um psicólogo social, que estabeleceu na França um campo de estudos para suas indagações sobre a relação da sociedade com a psicanálise.

Castro (2002), nos ajuda a compreender de forma mais específica, que Moscovici durante sua pesquisa para sua tese de doutoramento, investigou a representação social da Psicanálise na França. Destacando seu interesse para entender como uma teoria e os conhecimentos estruturados por ela eram dispersos coletivamente, de modo a ganhar espaço no meio científico e nas trocas do senso comum. Um saber compartilhado que estaria relacionado a alguns comportamentos e disseminações por discursos sociais, midiáticos e coletivos.

Desta forma, Vala & Castro (2013), complementam que Moscovici em seu estudo inicial pretendia entender, na França dos anos 50, o processo e os resultados da entrada em cena da Psicanálise; assim como a popularidade das ideias psicanalíticas construía uma espécie de fenômeno social que proporcionou transformações e influenciou movimentos artísticos, ganhou espaço nos debates científicos e esteve presente significativamente nos meios de comunicação. Os estudos de Moscovici (1947), abordaram então, a forma como as noções psicanalíticas haviam atingido versões diferentes em grupos diferentes, sofrido alterações face à ideias originais de Freud e suscitado aceitação em alguns setores e resistência em outros. (VALA & CASTRO, 2013, p.580)

Em sua obra seminal, *La psychanalyse, son image et son public* (1961-1976), (JESUINO, 2014) sobre a representação social da Sociedade Parisiense da Psicanálise, Moscovici declarou o objetivo de redefinir os problemas e conceitos da Psicologia Social a partir desse fenômeno (representações sociais) (Moscovici, 1976 apud SÁ, 1993).

Assim, retomando um pouco a história das raízes teóricas e metodológicas das ciências psicológicas e das sociais naquela época, revela-se a presença de discussões do que serviria de objeto de estudo puramente da Psicologia e o que seria específico da Sociologia. Entretanto, Moscovici ao anunciar seus estudos acerca do conceito da representação social, buscou foi uma posição mista; uma espécie de ponte entre uma série de conceitos sociológicos e uma série de conceitos psicológicos.

Desta forma, fica claro que o autor partiu da apresentação de representação coletiva anunciada anteriormente por Durkheim, e seguiu a partir de suas considerações, para uma visão de representação social e não coletiva, por não se tratar de um conceito exclusivo do campo sociológico. Nesse sentido, em seus estudos propôs uma continuidade e certa ampliação a um caminho já percorrido por Durkheim sobre o conceito de representações coletivas e seu papel no âmbito social. (ALMEIDA et al, 2023)

Vala e Castro (2013) destacam que a forma como as pessoas elaboram teorias, crenças e atitudes sobre a realidade social com o objetivo de atribuir significado tem sido objeto de estudo da Psicologia Social desde os trabalhos iniciais de Bruner, conhecido como revolução cognitiva em 1956 (Brunner 1990 apud Vala e Castro 2013) que disse que: “Tal ideia nos remete ao entendimento de que no campo de estudo da Psicologia Social e estudo sobre as formas como as pessoas respondem a necessidade de conhecer tem sido desenvolvido em

diferentes perspectivas e a Teoria das Representações Sociais de Moscovici é uma delas”. (p.569)

Os autores defendem que as pessoas constroem visões do mundo significantes e que o fazem através da interação social e da comunicação cotidiana, as quais ocorrem em contextos sociais diferenciados. É esta pluralidade de contextos que permite a elaboração de crenças e visões do mundo comuns dos grupos e diferentes entre os grupos. Esta mesma hipótese está na base do conceito de representação coletiva de Durkheim e na base de pioneiros como Fearnge (1954) Lewin (1931) e Sherif (1936). (VALA & CASTRO, 2013, p.570)

O pensamento social situa-se no quadrante definido pelo público e pelo coletivo opondo-se ao individual e ao privado. A importância dos processos associados ao pensamento social, para compreendermos a ação social e o próprio funcionamento do sistema cognitivo, foi sublinhada por Moscovici quando propôs o conceito de “sociedade pensante”: assim como a sociedade pode ser considerada um sistema econômico e um sistema político, também pode ser considerada um sistema pensante (MOSCOVICI, 2012)

Durkheim (1961) apud Cândido (2014) apresentou as representações coletivas como conteúdos compartilhados por membros de um mesmo grupo social que contribui para manter um vínculo entre os mesmos. A representação coletiva em termos sociais são as percepções dos indivíduos sobre si e as suas realidades, são fruto de um esforço coletivo que produz conhecimento e orientam ações.

Nessa compreensão do conceito de representação coletiva construído por Durkheim, Moscovici segue suas ideias sobre a representação. Ressaltando-se que diverge a valorização do conhecimento do senso comum. Em suas construções base tinha a hipótese de que as pessoas constroem visões do mundo e significados que fazem através da interação social e da comunicação cotidiana, as quais ocorrem em contextos sociais diferentes. A pluralidade de contextos possibilita a elaboração de crenças e visões do mundo comuns dentro dos grupos e diferentes entre os grupos. (OLIVEIRA, 2004; CÂNDIDO et al., 2014)

Esta hipótese tem relação com a base de conceito de representação coletiva de Durkheim (1898) sobre a construção do conhecimento. A sociedade pode ser considerada um espaço de interação social, onde as pessoas se interrogam e procuram encontrar respostas para as questões e em conjunto com as outras se colocam. Assim, as pertencas sociais e fatores cognitivos articulam-se para produzir formas coletivas de pensamento; “crenças coletivas são produtos de uma sociedade pensante”. (MOSCOVICI, 2012). “As representações sociais fazem parte de um esquema de linguagem que exerce a mediação entre os sujeitos e o mundo, na medida em que ela permite a descrição, explicação e crenças acerca da realidade, quando promove os acordos dos grupos sociais”. (OLIVEIRA, 2004; CÂNDIDO et al., 2014)

O livro de Moscovici representa para a Psicologia Social um marco significativo e a Teoria das Representações Sociais tem como principal direcionamento o rompimento com as teorias anteriores que viam os sujeitos desvinculados de seu contexto social. Para alguns autores este posicionamento crítico por parte de Moscovici foi o ponto de partida para a construção da nova teoria, visto que para ele não há separação entre o universo interno de um indivíduo e o universo externo a ele. Sendo assim, para teoria existe uma relação inseparável entre sujeito, objeto e sociedade. Segundo Almeida et al (2023): “Através das relações com os outros que os sujeitos elaboram suas representações do que é o mundo. A representação é sentido pessoal do que o indivíduo atribui significado elaborado socialmente” (p.4)

Moscovici (1995), em prefácio da obra organizada por Guareschi e Jovchelovitch (2001), Textos em Representações Sociais, diz sentir repulsa diante do dualismo estabelecido entre o mundo individual e o mundo social. Características essas que foram muito presentes em vertentes de psicologia social, principalmente americana, onde tinha-se como métodos descrever os comportamentos e vivências humanas. Uma maneira que não considerava a subjetividade e não mantinha um compromisso em mover mudanças na sociedade. Esse tipo

de vertentes sofreu muitas críticas, temos como exemplo no Brasil as produções de Silvia Lane que a partir das contribuições de Marx, pensa o homem como um ser pensante capaz de modificar sua realidade social, ou seja, a sociedade.

Sua intenção é desenvolver uma psicossociologia do conhecimento que considere tanto os comportamentos individuais, quanto os fatos sociais. Não importa apenas a influência, unidirecional, dos contextos sociais sobre os comportamentos individuais, mas a participação destes na construção das próprias realidades sociais (SÁ, 1995).

Na perspectiva psicossociológica proposta por Moscovici, os indivíduos não são apenas processadores de informações, mas pensadores ativos que “produzem e comunicam incessantemente suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam a si mesmo” (MOSCOVICI, 1984a, p.16 apud SÁ, 1995, p.28). Segundo ele, as representações compreendem um conjunto de conceitos, afirmações e explicações pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades.

No que diz respeito a definições, como afirma Castro (2002) a noção de representações é retomada em vários trabalhos relacionados ao campo de pesquisa de diversas áreas. E por representação social entende-se:

Uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Igualmente designada como saber do senso comum, ou ainda saber ingênuo, natural, esta forma de conhecimento é diferenciada, entre outras, do conhecimento científico. Entretanto, é tida como um objeto de estudo tão legítimo quanto este, devido à sua importância na vida social e à elucidação possibilitadora dos processos cognitivos e das interações sociais. (JODELET, 1994, p. 36).

Doise entende as representações como princípios geradores de tomadas de posição associadas às inserções específicas do sujeito no conjunto das relações sociais (DOISE, 1986 apud LOPES, 1993). Ele segue uma perspectiva mais sociológica, buscando entender como as inserções sociais concretas dos sujeitos condicionam suas representações.

Jodelet, colaboradora de Moscovici, argumenta que para se criar representações é preciso que haja uma necessidade de estarmos informados sobre o mundo que nos cerca, precisamos nos ajustar a ele através do comportamento, do domínio físico e intelectual para que possamos resolver e identificar os problemas apresentados (JODELET, 2001).

Estudar as representações sociais é identificar a “visão de mundo” que os indivíduos ou grupos têm e empregam na forma de agir e se posicionar. Dentro dessa perspectiva, Moscovici (2003) afirma que os indivíduos não são apenas receptores passivos de informação, nem meros seguidores de ideologias ou crenças coletivas, mas pensadores ativos que, frente aos mais diversos eventos presentes no cotidiano das interações sociais, criam e comunicam suas próprias representações e soluções específicas para as questões que se colocam. Assim, a influência do social não é percebida como um estímulo que atinge o indivíduo, mas um contexto de relações onde o pensamento é construído.

Moscovici compreende a representação como uma composição de expressões socializadas; um processo de produção de conhecimento com natureza similar a dos grupos sociais, e, portanto, trata-se de uma organização de imagens e linguagem que simbolizam atos e situações. Para o autor, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos”. Ou seja, são fenômenos sociais, traduções da realidade, saberes populares e do senso comum, com suas transformações e dinâmica; são formas de conhecimento manifestadas por meio de elementos cognitivos socialmente elaborados e compartilhados que contribuem para a

construção da realidade e possibilitam a comunicação, a interação entre sujeito (almeid et al., 2013)

3.2 Função, Formação e Abordagens das Representações Sociais

A Teoria das Representações Sociais, tem como função a identificação das representações sociais e é indispensável para compreender a dinâmica das interações sociais e esclarecer os determinantes das práticas sociais. De acordo com Abric (1998) apud, as representações sociais possuem quatro funções essenciais: de conhecimento,identitária, de orientação e justificadora.

Chaves & Silva, (2013), destacam que as representações sociais definem quadros de referência comuns que facilitam a comunicação social e concedem ao grupo a transmissão do saber prático do senso comum.Assim, definem ocupam a função de conhecimento e inteiramente elacionada com a possibilidade dos indivíduos de compreenderem e explicarem a realidade através das representações sociais.

A função identitária das representações sociais é de extrema relevância no que se refere aos processos de comparação social, pois estas definem a identidade e permitem a proteção da especificidade dos grupos. Naquele movimento concietualmente conhecido pela Psicologia social que diferencia as características de identificação com o grupo de pertença daquelas referentes aos outros grupos. Ao mesmotempo, esta função assume um papel fundamental no controle social exercido pela coletividade sobre cada um de seus membros (Abric, 1998).

A função de orientação refere-se As representação no lugar de guia dos comportamentos e das práticas sociais vai ser definida como função de orientação. Quando Constitui-se em um sistema de pré-decodificação da realidade, um direcionamento para ação.

As representações ocupam a função justificadora ao passo que permitem, a posteriori, justificar comportamentos e tomadas de posição. Isso acontece nas relações entre para explicar determinados comportamentos adotados face ao outro grupo e, assim, as representações preser-vam diferenciação social, podendo, então, estereotipar as relações entre grupos, contribuir para a discriminação ou para a manutenção da distância social entre eles. (CHAVES & SILVA, 2013).

Dentro desta descrição das funções das representações sociais está clara a sua relação com as atividades práticas do cotidiano. Percebe-se então, que esse não é um conceito abstrato e teórico, mas determinante nas ações com as relações sociais ;fenômenos complexos que são ativados na vida social e contemplam uma riqueza de elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, valores, imagens que formam uma totalidade significativa em relação à ação. (JODELET, 2001)

Assim, as representações sociais, afirma Jodelet (2001), não podem ser reconhecidas apenas como sistemas de interpretação que guiam nossa relação com o mundo e com os outros, sendo responsáveis por nortear e organizar as condutas e as comunicações sociais.Afinal, elas intervêm em processos variados, que passam por “difusão e assimilação de conhecimento, desenvolvimento individual e coletivo, definição das identidades pessoais e sociais, expressão dos grupos e as transformações sociais”. (p.22). Para a autora, representações sociais enquanto produto e processo agregam funções de uma atividade de tomada da realidade.

Banchs (2000) afirma que, para Moscovici e Jodelet, as representações sociais devem ser analisadas em relação aos processos da dinâmica social e da dinâmica psíquica. Isto significa que devem ser considerados o funcionamento cognitivo, assim como o funcionamento do sistema social, dos grupos e das interações, pois todas estas dimensões afetam a criação, a estrutura e a evolução das representações.

Dentro dessa perspectiva, conteúdo e processo não precisam ser descritos dentro de uma dicotomia. As representações sociais são abordadas, ao mesmo tempo, como o produto e

o processo de uma atividade de apropriação do mundo social pelo pensamento e da elaboração psicológica e social dessa realidade. (Chaves & Silva, 2013).

Contudo, Banchs (2000) pontua que, apesar de ser necessária essa consideração, são poucos os estudos que incluem, simultaneamente, conteúdos e processos representacionais e conseguem dar um enfoque que permita integrá-los. Dessa forma, existe também uma diferença no polo processual se comparado ao polo estrutural, no que se refere à definição do objeto de estudo da teoria das representações sociais. Para Spink (2003), dentro da perspectiva processual, o objeto de estudo seria a atividade de reinterpretação contínua que emerge do processo de elaboração das representações no contexto da interação em que elas se constituem.

Então, segundo Banchs (2000), podemos descrever como características distintas da abordagem processual das representações sociais [...] um enfoque qualitativo, hermenêutico, centrado na diversidade e nos aspectos significantes da atividade representativa; um uso mais freqüente de referentes teóricos procedentes da filosofia, lingüística, sociologia; um interesse focalizado sobre o objeto de estudo em suas vinculações sociais, históricas e culturais específicas; uma definição do objeto como instituinte mais que como instituído (p. 37).

A representação, conforme Lopes et al. (2013, p. 137), “[...] é produto e processo de uma atividade mental pela qual o indivíduo ou um grupo restaura o real, confrontando e atribuindo uma significação específica”. Para Moscovici, as representações sociais são formadas por meio de dois processos: a ancoragem e a objetivação.

Transformar o desconhecido em conhecido, transformar o estranho em algo familiar, permite-nos pôr em evidência os dois processos envolvidos na elaboração das representações sociais por Moscovici: a ancoragem e a objetivação, fundamentais para o fenômeno das representações. As representações sociais são uma forma de comunicação e interpretação, como também uma forma de elaborar e produzir conhecimento. Elas vão transformar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar. Na realidade, o intuito da representação social é fazer com que um conteúdo estranho se transforme em alguma coisa próxima ou cognoscível (MOSCOVICI, 1994/2012)

A ancoragem vem significar uma constituição de significados em torno do objeto, relacionando-o a valores e práticas sociais. A análise dos valores e práticas sociais permitirá compreender como o funcionamento do sistema cognitivo interfere no social e como o social poderá interferir na elaboração cognitiva, é um processo que transforma algo estranho e perturbador do sistema particular de categoria em um objeto ou conceito familiar, por meio da integração cognitiva, ancorando o que é desconhecido em pensamentos/ representações já existentes. Ou seja, acontece a significação da representação social, a “[...] inserção orgânica do que é estranho no pensamento já constituído” (SPINK, 1993, p. 306).

A objetivação faz um conceito tornar-se realidade, dando materialidade a ele através de uma imagem (MOSCOVICI, 1978). É um processo que dá corpo ao conceito, transformando o abstrato em concreto e cristalizando a representação. É a descoberta da qualidade da ideia, a reprodução do conceito em imagem. Diz o autor: “Quando, pois, a imagem ligada à palavra ou à ideia se torna separada e é deixada solta em objetivação é um processo que dá corpo ao conceito, transformando o abstrato em concreto e cristalizando a representação. É a descoberta da qualidade da ideia, a reprodução do conceito em imagem. “Quando, pois, a imagem ligada à palavra ou à ideia se torna separada e é deixada solta em uma sociedade, ela é aceita como uma realidade, uma realidade convencional, clara, mas de qualquer modo uma realidade” (MOSCOVICI, 2007, p. 73).

Segundo Spink (1993, p. 306), o processo da objetivação ocorre em três etapas: [...] primeiramente, a descontextualização da informação através de critérios normativos e culturais; em segundo lugar, a formação de um núcleo figurativo, a formação de uma estrutura

que reproduz de maneira figurativa uma estrutura conceitual; e, finalmente, a naturalização, ou seja, a transformação destas imagens em elementos da realidade.

Para Jodelet (1985), as representações sociais estão sempre simbolizando alguma coisa, algum objeto, pessoa ou acontecimento. Ela não é pura e simplesmente uma reprodução da realidade, e sim o que vemos e entendemos dessa realidade. A representação será compreendida a partir da relação (contato) que os grupos estabelecem com as coisas, com o mundo, com o lugar social que os indivíduos destes grupos ocupam. A partir desse processo é estabelecida uma construção simbólica, fazendo com que os grupos e os indivíduos deem novos sentidos aos fatos que permeiam suas vidas.

As representações sociais se constituem a partir do momento que vão se agrupando em conjuntos de significados, permitindo a interpretação dos fatos do dia a dia, dando sentido aos acontecimentos desconhecidos. Com isso, o pensamento espontâneo vai se constituindo a partir das experiências e conhecimentos que são recebidos e transmitidos através da comunicação social, educação e da cultura (JODELET, 1985).

Já para Abric (1998), a representação social não é um simples reflexo da realidade, ela é uma organização de significados que funciona como um sistema de interpretação da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, ela vai determinar seus comportamentos e suas práticas. Ele enfatiza a dimensão cognitivo-estrutural das representações sociais, que busca compreender a organização cognitiva dos componentes do pensamento social nos grupos.

A representação é uma construção do sujeito enquanto sujeito social. Sujeito que não é apenas produto de determinações sociais nem produtor independente, pois que as representações são sempre construções contextualizadas, resultados das condições em que surgem e circulam. É, ainda, uma expressão da realidade intraindividual, uma exteriorização do afeto. A Psicologia Social procura superar esta dicotomia visualizando o indivíduo e suas produções mentais como produtos de sua socialização em um determinado segmento social. A individualidade, nesta perspectiva, emerge como uma estrutura estruturada que tem potencial estruturante. Retornando, então, às representações sociais, isto equivale a dizer que estas formas de pensamento prático são, concomitantemente, campos socialmente estruturados que só podem ser compreendidos quando referidos às condições de sua produção e aos núcleos estruturantes da realidade social, tendo em vista seu papel na criação desta realidade. (SPINK, 1993)

3.2 Teoria no Núcleo Central: um suporte para análises

Jean Claude Abric (1998) desenvolveu em (1976) a chamada abordagem estrutural que também é conhecida como Teoria do Núcleo Central e complementar a grande teoria retoma a ideia de modelo figurativo já proposta por Moscovici e se desenvolvem também em outros aspectos. O autor defendeu que a organização de uma representação social apresenta uma característica específica, a de ser organizada em torno de um núcleo central, constituindo-se em um ou mais elementos que dão significado à representação. Essa organização acontece em dois sistemas cognitivos o núcleo central e o periférico.

Nós pensamos da nossa parte, que o núcleo central é o elemento essencial de toda representação construída e que ele pode, de certa maneira, superar o simples quadro do objeto da representação para encontrar sua origem diretamente nos valores que o transcendem e que não exigem nem aspectos figurativos, nem esquematização, nem mesmo concretização. (ABRIC, 1994, p.21)

O chamado núcleo central consiste em ser rígido e composto por valores compartilhados, já o periférico é flexível e alimentado pelas experiências individuais. Nesse sentido, Abric (1998) afirma que o sistema central é estável, consensual, coerente e historicamente definido. O sistema periférico vem constituir o complemento do sistema central do qual ele depende. O autor argumenta que: “ Isso ocorre, porque o sistema central é normativo e o sistema periférico é funcional”. (p.4).

Uma representação social apresenta um núcleo central e seus elementos periféricos. Os elementos do núcleo central são mais resistentes a mudança; os componentes periféricos são mais acessíveis e concretos da representação.

É difícil destacar uma definição comum a todos os teóricos que utilizam a noção de representação social. Moscovici propõe uma estrutura teórica para as representações sociais. Segundo ele, a representação social tem duas faces indissociáveis: a face figurativa ou imagente, que corresponde ao objeto, e a face simbólica, que corresponde ao sentido atribuído ao objeto pelo sujeito, ou seja, o entendimento é que não existe representação sem objeto. Toda representação é construída na relação do sujeito com o objeto representado, não é mero reflexo do mundo externo na mente, ela vai além do trabalho individual do psiquismo, emerge como um fenômeno colado ao social. Jovchelovitch (1995, p. 78) diz que “é através da atividade do sujeito e de sua relação com outros que as representações têm origem, permitindo uma mediação entre o sujeito e o mundo que ele ao mesmo tempo descobre e constrói”.

Jodelet, colaboradora de Moscovici, argumenta que para se criar representações é preciso que haja uma necessidade de estarmos informados sobre o mundo que nos cerca, precisamos nos ajustar a ele através do comportamento, do domínio físico e intelectual para que possamos resolver e identificar os problemas apresentados (JODELET, 2001)

Para Jodelet (1985), a representação social está sempre simbolizando alguma coisa, algum objeto, pessoa ou acontecimento. Ela não é pura e simplesmente uma reprodução da realidade, e sim o que vemos e entendemos dessa realidade. A representação será compreendida a partir da relação (contato) que os grupos estabelecem com as coisas, com o mundo, com o lugar social que os indivíduos destes grupos ocupam. A partir desse processo é estabelecida uma construção simbólica, fazendo com que os grupos e os indivíduos deem novos sentidos aos fatos que permeiam suas vidas.

Sá (1996) já nos anunciava sobre o campo dos estudos das representações sociais ser um dos mais produtivos no âmbito da Psicologia Social de origem europeia, em termos de pesquisa empírica e em elaboração teórica. (SÁ, 1996)

Desse modo, o núcleo central é o elemento mais estável da representação, assegura continuidade em contextos móveis e evolutivos, permite o estudo comparativo das representações e fornece significado à representação. ‘ De acordo com Abric (1998), os elementos periféricos se organizam em torno do núcleo central. Seus componentes são mais acessíveis, vivos e concretos; dependentes do contexto; concretizam a ancoragem da representação à realidade e permitem a formulação da representação em termos concretos, imediatamente compreensíveis e transmissíveis. Os elementos periféricos são, portanto, mais flexíveis que o núcleo central e permitem a integração de experiências e histórias individuais,(CHAVES & LIMA, 2013 p. 422).

4 CAPÍTULO IV

MÉTODO

4.1 Método

O desenho metodológico adotado na presente pesquisa foi composto por uma abordagem de natureza descritiva qualitativa, o que de acordo com Gil (2012), considera-se a possibilidade de comunicação do pesquisador com os membros componentes do objeto de estudo. Tal modalidade, vai além da simples identificação da existência de relações entre variáveis e pretendem determinar a natureza dessa relação. Nesse caso, o autor destaca que uma pesquisa descritiva se aproxima das exploratórias quando realizadas por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. (GIL, 2012).

A presente pesquisa teve por objetivo geral identificar, junto aos jovens brasileiros, as representações sociais acerca do futuro e da juventude, considerando as influências de elementos relacionados a informações, comunicações e trocas das relações sociais e, portanto, a partir de diálogos e concepções que consideram a juventude como uma construção social.

Assim, a delineação se configurou por meio de composições de análise de dados estabelecidas como : um estudo sobre representações sociais de futuro e juventude, por jovens no Brasil ; com modelo de coleta estruturada por meio de formulário online, através do aplicativo Google forms, solicitando aos participantes respostas à duas tarefas de evocação livre e outras perguntas com respostas abertas e fechadas.

Para isso, o quadro teórico- metodológico da Teoria das Representações Sociais de Moscovici(1978), atrelado a metodologia proposta, possibilitam uma abordagem de forma articulada em busca de aspectos da natureza psicológica e sociológica do fenômeno a ser estudado.

A Teoria das Representações Sociais, nesse sentido, foi o aporte teórico que orientou o estudo apontado, uma vez que apreende elementos muito íntimos da formação dos sujeitos e que “são indispensáveis para à compreensão da dinâmica social. São informativas e explicativas quanto à natureza dos laços sociais intra e intergrupos e das relações dos indivíduos e seu entorno social.” (LOPES, 2013, p.159).

A Teoria das Representações Sociais proposta por Serge Moscovici (1978) contribui para a identificação do pensamento socialmente compartilhado por jovens sobre o futuro. As representações sociais são informativas e explicativas quanto à natureza dos laços sociais e, portanto, utiliza-la confere elevado potencial interpretativo ao objeto de estudo, possibilitando a exposição dos sistemas de significação que são produzidos e partilhados por um grupo, promovendo o acesso a um terreno fértil que apresenta as percepções acerca de suas realidades. Em tal exposição, a abordagem estrutural, conhecida como Teoria do Núcleo Central, de forma mais específica, possibilitou a busca pela possível estrutura das representações sociais acerca do futuro e juventude.(SILVA, 2007)

Sá (1996) já nos anunciava sobre o campo dos estudos das representações sociais ser um dos mais produtivos no âmbito da Psicologia Social de origem europeia, em termos de pesquisa empírica e em elaboração teórica. Em conjunto, a opção por tal escolha metodológica abarca às propostas apontadas pela abordagem estrutural das representações sociais que considera a existência de um sistema central relacionado a significação da representação e outro periférico responsável pela organização dos elementos da representação de forma hierárquica.

4.2 Procedimentos

Para a coleta de dados foram utilizados questionários estruturados através de perguntas fechadas, abertas e tarefas de evocação livre com o termo indutor *futuro* e *juventude*. Utilizou-se o questionário via aplicativo *Google Forms*. O campo de pesquisa esteve relacionado a população jovem no Brasil. Dentro deste universo, participaram da pesquisa 124 pessoas, sendo elencados até 104 jovens entre 18 e 29 anos.

4.3 Participantes

Participaram da pesquisa 124 pessoas. Dentro deste universo, como critério de inclusão, foram utilizadas pessoas com faixa etária entre de 18 anos e 29 anos, considerando marcos regulatórios para critérios do público jovem e pelo mesmo critério de exclusão, pessoas maiores de 29 anos. A amostra final contabilizou-se 104 respostas a serem analisadas.

4.4 Instrumentos e Procedimentos de coleta

Diante do cenário pandêmico, assim como os desafios e impedimentos relacionados ao advento da pandemia do COVID-19, optou-se pela utilização do campo virtual como espaço para a pesquisa acadêmica. O instrumento usado para coletar os dados da pesquisa foi um formulário via aplicativo *Google Forms*.

A ferramenta de coleta, assim como os Termos de Consentimentos foram disponibilizados através da rede de contato da pesquisadora e outros pesquisadores vinculados ao LAPSSO (Laboratório de Pesquisa em Psicologia Social- UFRRJ).

Ao acessar o documento, os participantes eram submetidos, em um primeiro momento a perguntas que coletavam dados sociodemográficos (idade, escolaridade, identidade de gênero, identidade étnica e localização geográfica). Em seguida, participavam de duas tarefas de evocação livre e precisavam escrever de 3 a 5 palavras que vinham a imediatamente a sua mente ao ler os termos indutores *futuro* e *juventude*. Por último, participavam de perguntas livres sobre a temática do estudo sendo elas:

1. *Alguém já planejou sua vida?*
2. *Quando na escola se sentia ou sente pressionado quanto ao futuro?*
3. *Em sua família se sentia ou sente pressionado quanto ao futuro?*
4. *Você consegue expressar o que gostaria de fazer daqui há uns cinco anos?*
5. *Comente com suas palavras quais as maiores preocupações que você tem em relação ao futuro:*

4.5 Instrumentos e Análise de Dados

Os dados colhidos pelo formulário foram organizados para o procedimento de análise via suporte software IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) desenvolvido por Pierre Ratinaud e utilizado para análises e estatísticas, corpus textuais e tabela de palavras. (Camargo & Justo, 2013)

O programa auxilia na organização gráfica em forma de tabela divididas por quadrantes e árvore de palavras os elementos que compõem a Análise Prototípica e Análise de Similitude, respectivamente. Ambos materiais serviram para a análise dos resultados relacionados a tarefas de evocação livre, que consistiram em Análises prototípica que

permitiram identificar os elementos centrais e periféricos das representações sociais conforme orienta Abric (1998), assim como as Análises de Similitude que complementaram tal processo, uma vez que detecta o grau de conexidade das representações sociais. (SÁ, 2002).

Para análise de dados oriundos das perguntas livres utilizou-se o modelo de Análise de Conteúdo de Bardin (2016), conhecido dispositivo para análise de dados qualitativos que possibilita observar as características de um conjunto de comunicações.

5 CAPÍTULO V

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após o procedimento de coleta e utilização de critérios de inclusão e exclusão para os dados a serem trabalhados, obtivemos 104 respostas. A partir da estruturação do questionário em questões fechadas, abertas e tarefas de evocação livre, resultou-se informações sociodemográficas e outras relacionadas a identificação das representações sociais do termos induzidos. Através de perguntas fechadas, obtivemos informações sobre a idade, identidade de gênero, identidade étnica, escolaridade e natureza de ensino das instituições que os jovens obtiveram algum vínculo.

5.1 Caracterização do Público Alvo



Gráfico 1: Idade dos participantes

Fonte: Elaborado pelo autor

Os jovens participantes da pesquisa se encontraram dentro da faixa etária de 18 a 29 anos devido ao trabalho feito aos dados de acordo com os critérios de inclusão e exclusão indicados nos procedimentos da pesquisa. Dessa forma, a maioria dos participantes estão dentro da faixa etária de 21 a 29 (equivalente a 67%) e o restante dentro da faixa de 18 a 20 anos (equivalente a 33%).



Gráfico 2- Identidade étnica

Fonte: Elaborado pelo autor

Em um olhar inicial, a partir da autodeclaração em relação a cor de pele, a maioria dos jovens entrevistados se autodeclararam como brancos, sendo expresso pelo valor de 48% do total. Em seguida, com 26% e 25%, apresenta-se respectivamente a autodeclaração dos jovens como pardos e pretos. Por fim, 1% se autodeclarou como indígena e 2% como dúvida quanto sua cor. Mas, levando em conta o conceito de negritude que inclui pretos e pardos como negros, a maioria na verdade dos respondentes é negra (51%)

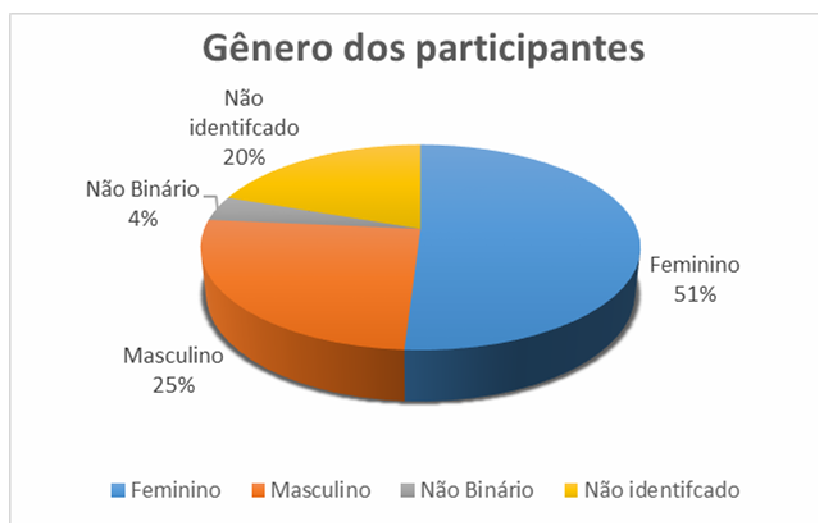
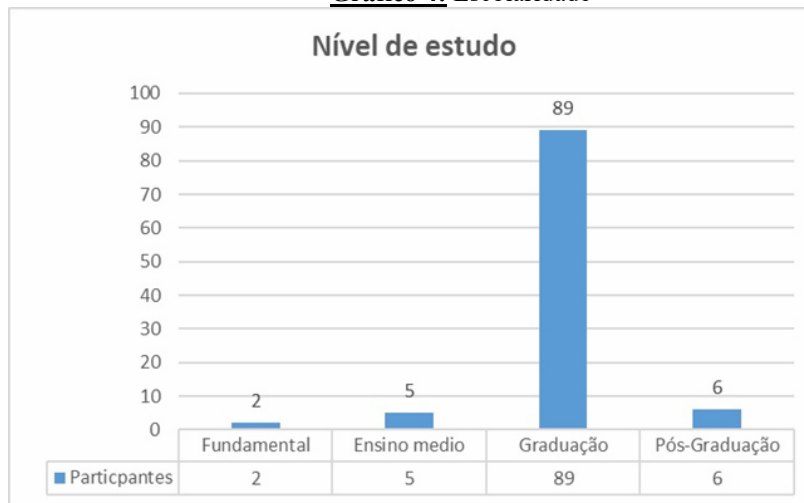


Gráfico 3: Identidade de Gênero

Fonte: Elaborado pelo autor

A maioria dos jovens entrevistados se autodeclararam como identificados ao gênero feminino como expresso no percentual de 51%, em seguida 25% apresentaram identificação com gênero masculino, seguido de 20% que não apresentou a identificação de gênero e 4% autodeclarados não binários.

Gráfico 4: Escolaridade



Fonte: Elaborado pelo autor

Dentre os entrevistados, a grande maioria estava cursando graduação, como quantitativo de 89%, seguido de 6% que estavam no nível de pós graduação, 5% no nível de ensino médio e 2% no nível de ensino fundamental.



Gráfico 5: Natureza da Rede de Ensino

Fonte: Elaborado pelo autor

A maior parte dos participantes da pesquisa estiveram sua trajetória de ensino vinculada a rede de ensino privada, com o quantitativo de 80% e o restante em rede pública totalizando 20%.

5.2 Análise Prototípica

Como já explicitado no presente trabalho, a abordagem estrutural dos estudos representações sociais, também conhecida como Teoria do Núcleo Central foi desenvolvida por Aix-em-Provence, Abric (1984) e Flament (1982). Tais autores propuseram que as representações são compostas por dois tipos de sistemas que são complementares: os centrais e os periféricos. O núcleo central é correspondente a parte estável e consensual da representação, enquanto o sistema periférico, tem caráter mais flexível, tornando-o mais permissível a mudanças e ajustes contextuais. (VALA E CASTRO, 2024)

Pierre Vèrgès(1992), propôs tal técnica como uma possibilidade de combinar a frequência da emissão de uma palavra e/ou expressões de vida em uma condição de evocação livre com a ordem que as mesmas são evocadas, assim como indicar um conjunto de categorias organizadas em torno desses termos que para indicar seus papéis organizadores das representações. Portanto, a combinação de tais critérios permite o levantamento das expressões que fazem parte do núcleo central, devido seu caráter prototípico.

QUADRO DE QUATRO CASAS
ANÁLISE PROTOTÍPICA (n= 200)
Ordem média de Evocação: 2,6
<=2,71 Rangs>=2,71

Assim, as figuras apresentadas para análise a seguir se baseiam em tal organização para demonstração dos resultados das análises prototípica da seguinte forma de acordo com Abric (1994b) , apud SÁ, (1996).

-Núcleo Central: (Localizada no quadrante superior esquerdo) Ligado a memória coletiva e histórica do grupo, gera toda a significação da representação;

- Primeira Periferia: (Localizada no quadrante superior direito) Mais flexível e permissível à mudanças, ligado a integração de experiência individuais, onde geralmente se encontram elementos com alta frequência, porém não em primeira ordem de evocação.

- Segunda Periferia: (Localizada no quadrante inferior esquerdo) também mais flexível e permissível à mudanças, ligado a integração de experiência individuais; representa a zona de contraste e contém os registros evocados que possuem baixa frequência.

- Terceira Periferia (Localizada no quadrante inferior direito) também mais flexível e permissível à mudanças, ligado a integração de experiência individuais, porém contém os registros evocados com menos frequência e de menor relevância.

ELEMENTOS CENTRAIS			PRIMEIRA PERIFERIA		
Incerto	25	2,3	Família	29	2,8
Medo	21	2,7	Esperança	26	2,8
Estabilidade	17	2,7	Ansiedade	17	2,8
			Sucesso	16	3,2
ZONA INTERMEDIÁRIA (CONTRASTE)			SEGUNDA PERIFERIA		
Estudos	14	2,1	Trabalho	11	2,8
Dinheiro	14	2,6	Sonhos	11	3,3
Transformação	13	2,6	Descobertas	9	3,6
Planejamento	12	2,4			
Incerteza	7	2,6			
Oportunidades	7	2,7			
<i>Frequencia mínima: $\geq 15,56$</i>					

Figura 1: Análise prototípica da questão de evocação livre do termo indutor futuro: “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA FUTURO.”

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com esta análise, os termos “**incerto**”, “**medo**” e “**estabilidade**” provavelmente compõem o núcleo central da representação social FUTURO, para os jovens participantes do estudo. “**Incerto**” foi o elemento mais evocado e teve uma ordem média de evocação mais baixa, o que indica que pode ser um termo de maior importância na representação social de FUTURO. Tal resultado corrobora com o estudo de ara (2011) que traz uma reflexão sobre as juventudes e o tempo social e afirma a necessidade de reconhecer as escolhas e experiências dos jovens atreladas a circunstâncias concretas, que se expressam em um tempo histórico e social; tempo esse marcado por representações e sentidos construídos por tais sujeitos em suas relações com momentos passados e futuros.

Para a autora, é neste entrecruzamento de vivências com os tempos passado, presente e um futuro que se gestam subjetividades e os sujeitos idealizam o futuro, porém realizar a discussão sobre o entrecruzamento dos tempos é um grande desafio, pois os jovens se deparam na vida cotidiana com as incertezas e o imediatismo gerados por uma sociedade que experimenta a crise do trabalho e o consumismo de bens e produtos materiais e culturais. (NAZARENO, 2011, p.3)

Em seguida, ainda no espaço de elementos centrais, aparecem os termos “**medo**” e “**estabilidade**”, que relacionado ao termo indutor FUTURO pode representar as exposições vinculadas à juventude em relação ao futuro, que no contemporâneo oscilam entre prestígio e imposições, por fascínio e necessidade de controle. Galvão (2021) afirma que as mudanças socioculturais e econômicas nas formas de ver e se relacionar com as juventudes colocam os jovens em delicada posição quando sobre ele são lançadas expectativas de ordens antagônicas; ao mesmo tempo em que lhes oferecem apelo para consumo, produção, planejamento e projeção, pouco lhes são oferecidos amparo e recursos subjetivos e sociais para lidar com essas perspectivas. O que gera a experimentação de sensações vinculadas a

medo e anseios por estabilidade; e, nas trajetórias escolares os contextos de incerteza tem feito parte da construção de projetos de vida pelos jovens. (FIORINI ET AL,2017)

Já na primeira periferia aparece **“família”, “esperança”, “ansiedade” e “sucesso”** que podem estar ligados aos elementos centrais, principalmente os dois primeiros que são família e esperança que tem alta frequência e ordem média de evocação muito próxima da média.. Os elementos que aparecem neste são destaques nos estudos sobre juventudes, jovens e representações e indicam que no projeto de futuro pelos ideais juvenis encontra-se como central a noção de busca por estabilidade econômica e afetiva, através de realizações e por meio da conquista do emprego que viabiliza a aquisição de bens materiais, como casa própria que constitui a condição concreta para a estabilidade e constituição da própria família.

A **“ansiedade”** como termo da primeira periferia pode estar relacionada ao núcleo central, uma vez que dentro dessa perspectiva de projeção e planejamento de vida futura encontra-se como elemento vinculados a isso, família, casa, e sucesso profissional. Neste sentido, as representações sociais em relação a juventude segundo Castro & Bicalho (2013) apontam as expectativas lançadas pela sociedade aos jovens e se dividem em dois caminhos distintos vividos para aqueles de classe média e alta relacionadas as expectativas de construção de uma nova sociedade, de modernização e perpetuação dos valores familiares e, por outro lado, aquelas vividas por jovens da camada baixa que se dirige a ideia de permanência na pobreza, de subversão de valores tradicionais e de delinquência.

Dessa forma, cabe ressaltar também, que estudos sobre juventude e dimensões psicossociais da pandemia do Covid- 19 demonstraram que aspectos como saúde e educação afetaram os jovens do Brasil de forma direta e indireta. Em relação a saúde física e emocional, por exemplo, a ansiedade aparece como a condição mais sentida por jovens em uma pesquisa relacionada às consequências da pandemia, seguida de exposição excessiva a redes e tecnologia, além de exaustão, cansaço, entre outros. (ATLAS DA JUVENTUDE, 2021).

A mesma pesquisa, também apontou, que nove por cento dos jovens entrevistado declaram experiências relacionadas à pensamentos suicidas ou automutilação como atrelados aos efeitos da pandemia.

No que diz respeito à educação, a desigualdade aumentou e junto a isso muitos jovens evadiram dos seus seguimentos escolares durante a pandemia e depois, principalmente devido a questões financeiras. “Jovens com ensino fundamental completo são os que mais apontam a necessidade de ganhar dinheiro e de cuidar de filhos como motivo da evasão. Jovens com ensino médio completo são os que mais indicam dificuldade em custear os estudos.” (ATLAS DA JUVENTUDE, p.51, 2021)

Na zona de contraste encontra-se os termos **“estudos”, “dinheiro”, “transformação”, “planejamento”, “incerteza” e “oportunidades”**. Localizada no quadrante inferior esquerdo comporta os elementos que oferecem variações que podem representar subgrupos e a permissão de integração de experiências individuais; suporta a heterogeneidade e contradições, mas sem modificar os elementos centrais e podem indicar novas representações. (MOLINER & ABRIC, 2016).

Neste sentido, **“estudo”, “dinheiro” e “planejamento”** corroboram com construção já apresentadas no trabalho sobre juventudes atuais, que estão expostas a referências impositivas relacionadas aos horizontes temporais e sociais na contemporaneidade, colocadas como a única dimensão disponível para a definição das escolhas; ocasionando à vivência juvenil a relação com um tempo presente imediato que exige dos jovens escolhas direcionadas a um futuro esperado. (NAZARENO,2021)

Araújo (2019) afirma que existem formas diversas de debater e analisar os elementos que fazem parte do planejamento de futuro e planejar o futuro não é algo restrito aos jovens, mas a toda sociedade. A ideia de que o futuro está em constante planejamento atinge a todos

na vida cotidiana. Entretanto, para a autora, pensar o futuro por um viés de construções de identificações leva para um olhar sobre a juventude; como um potencial específico a tal grupo, principalmente quando vinculado aos processos educacionais.

Leccardi (2005, p. 49) acrescenta que ao afirmar que “para os jovens, no centro dessa crise está a separação entre trajetórias de vida, papéis sociais e vínculos com o universo das instituições capazes de conferir uma forma estável à identidade.” Afinal, a experiência de tempo como possibilidade, mas também como limitação, é uma maneira de salvaguardar a continuidade e duração já constituída para esta geração.

Pesquisas anteriores sobre o tema jovens trabalhadores e futuro apresentaram na representação elementos centrais, tais como família e responsabilidade, contribuindo para a discussão que o futuro para os jovens no Brasil, está vinculado à família e ao trabalho; além de vinculado à crença em um viver bem sucedido e feliz. E ainda, um indicativo das práticas da juventude do presente referidos à diversão e aos amigos e, ao representarem o futuro, eles vinculam as práticas sociais à dedicação, ao esforço e ao compromisso. Assim, como no futuro, os jovens também não representam o trabalho com o termo alegria. (MESQUITA et al, 2022)

Tais apontamentos destacaram também que jovens não representaram demandas sobre questões estruturais da sociedade que fossem vinculadas ao trabalho e à educação, importantes para o futuro dos mesmos. Demanda essa que foi apresentada como uma condição que deixa os jovens em desvantagem em relação às camadas com maiores rendas, tais como: falta de disponibilidade de emprego, baixos salários, dificuldades de transportes, educação de má qualidade. “O foco das representações dos jovens recaiu sobre questões individuais, do fazer individual e não da coletividade, em questões estruturais.”

Por fim, na segunda periferia estão os termos **“trabalho”**, **“sonhos”** e **“descobertas”**. Os elementos trabalho e sonhos que aparecem com mais frequência nesta periferia podem indicar a representação que os jovens tem sobre o futuro e suas projeções e/ou formas de planejamento e preparação para alcançar êxito no mesmo

O **“trabalho”** aparece como um fator que divide as experiências juvenis- seja na falta de perspectiva de futuro para o jovem em relação as oportunidades de trabalho ou no entendimento de tal mecanismo para acesso a bens de consumo material-. Afinal, em um cenário apresentado desde a partir de inúmeras de transformações políticas, sociais e econômicas do mundo globalizado que, somada as escolhas passadas do estado brasileiro, culminaram em um mercado de trabalho com alta oferta de trabalho informal, precarizado e com baixos salários. No que diz respeito ao jovens, empurrados a oportunidades ruins para trabalhadores sem experiência. (NASCIMENTO, 2021)

O trabalho intelectual hipervalorizado frente ao trabalho manual está presente no cerne dos valores da sociedade brasileira, e a juventude pobre brasileira se constitui no seio de interesses. E isso, se não produz, ao menos reproduz a forma como os jovens representam socialmente suas perspectivas futuras.” (MESQUITA, et al, 2022, p. 16-17)

Já **“sonhos”** e **“descobertas”** podem estar atrelados a formação identitária juvenil que de acordo com Dayrell (2012) tem relação com perspectivas de futuro e projetos de vida. Uma vez que, questionamentos e construções acerca de “quem eu sou?” numa visão social das juventudes leva para questionamentos também sobre “pra onde vou”, “qual rumo dar a minha vida? Assim, para o autor, quanto mais o jovem se conhece e experimenta suas potencialidades individuais ao descobrir seus gostos e costumes e o que lhe traz prazer, mais ele terá capacidade de elaborar seus projetos.

QUADRO DE QUATRO CASAS ANÁLISE PROTOTÍPICA (n= 200) <i>Ordem média de Evocação: 2,6</i> <i><=2,67 Rangs>=2,67</i>			
ELEMENTOS CENTRAIS		PRIMEIRA PERIFERIA	
Aprendizagem	19 2,6	Resistência	35 2,8
Independência	15 2,1	Transformação	16 3,1
		Diversão	14 2,7
ZONA INTERMEDIÁRIA (CONTRASTE)		SEGUNDA PERIFERIA	
Felicidade	11 2,1	Sonhos	11 3,2
Esperança	10 2,4	Jovem	9 3,1
Destino	9 1,7	Ansiedade	8 3
Estudos	7 2,6	Vivência	8 4
Oportunidades	7 1,9	Aprendizagem	8 2,9
<i>Frequência mínima: >=12,47</i>			

Figura 2: Análise prototípica da questão de evocação livre do termo indutor juventude “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA JUVENTUDE

Fonte: Elaborado pelo autor

De acordo com esta análise, os termos “**aprendizagem**” e “**independência**” provavelmente compõem o núcleo central da representação social JUVENTUDE, para os jovens participantes do estudo, pois tiveram alta frequência de evocação e ao mesmo tempo ordens mais baixas de evocação.

A “**aprendizagem**” e “**independência**” são elementos que compõem às discussões acerca das juventudes tomadas como construções sociais. Estudiosos do tema afirmam que os debates antes do século XVII ao XIX, traziam considerações acerca de um olhar para a juventude como uma moratória social, como afirma Cardoso (2015). Para o autor, a tese da moratória social da juventude foi construída, ainda de que de forma indireta por sociólogos, mesmo sem fazer uso do termo, como Karl Mannheim, ao lado de psicólogos como Erik Erikson. Ambos detectaram um dado elemento da realidade social-moratória social- e contribuíram para concepções psicossociais do desenvolvimento; junto a descrição de elementos geracionais, vinculados a crise de identidades, ilustravam a ideia de um tempo de preparação, transicional e marcada pelo provação de diversos papéis.

Tais seguimentos, junto a teorias críticas combinaram desde então, em diferentes ênfases, a noção de geração e moratória social; que tendem a reconhecer o papel das juventudes na transformação social e atribuem um sentido positivo a este papel. Como se verá, entretanto, libertam-se pouco da concepção “naturalista” de juventude. (CARDOSO, 2015, p.5)

Posteriormente, a partir do século XVIII e XIX, com a ascensão do capitalismo e industrialização, a juventude ganhou espaço em pautas entendidas como problemáticas; uma questão imposta como um modo de vida desregrado, formador de processos indisciplinados. (CASTRO et al, 2009)

Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se uma concepção, representação e criação simbólica fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos a ela atribuídos. Ao mesmo, tempo é tomada como uma situação vivida em comum por certos indivíduos. (GROPPO, 2000)

Desde então, as juventudes como uma construções sociais, apontam para um conceito relacionado à identificação e compartilhamentos de costumes e como categoria começa a fazer parte de operações tanto no campo imaginário quanto no social para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres, promover aprendizagem para o que se é o que se faz. É um dos elementos “estruturante” das redes de sociabilidade; com características próprias, vivenciada de forma singular a cada sujeito e inserida no campo social, diante de suas estruturas e organizações, que contribuem e atingem os jovens em seus processos de formação. (RAITZ, 2008)

Além disso, no que diz respeito à “**independência**” vinculada a tal grupo, os estudos destacam que o interesse pelos jovens e o fenômeno da juventude ganharam espaço nas agendas públicas e no meio científico nos últimos tempos e, muitos deles, destacaram a presença de estruturas sociais permeadas por contradições históricas que contribuíram para que tal segmento sofresse certa organização ambígua na realidade brasileira. Tal ambiguidade vinculada ao espírito de preparação ou moratória, com muitas aprendizagens e sentimentos de liberdade, como afirma Groppo (2000), a juventude aqui vista como agente revitalizador, fonte de energia para mudanças; do outro lado encarada como estranha, marginalizada e com necessidade de controle.

Cabe ressaltar que, para Souza (2012), essas contradições influenciariam na maneira que as sociedades concebem a juventude, assim como no modo que os jovens se entendem como sujeitos, nos espaços sociais, ou seja, é notório a existência um ideal de juventude que habita o imaginário social e, que por diversas vezes, contrapõe-se à apresentação da real juventude brasileira, em especial a juventude em situação de vulnerabilidade que enfrenta violações de direitos e ausência do Estado.

Na primeira periferia aparece “**resistência**” “**transformação**”, e “**diversão**”.

“**Resistência**” foi um termo com alta frequência de evocação, mas com ordem de evocação maior que os termos pertencentes ao primeiro quadrante. A resistência pode estar relacionada a experiência de ambiguidade vivida pelos jovens nos últimos tempos voltados para os olhares a vida juvenil. Ora legitimados por construções positivas e valorizadas no lugar de ter nos jovens um ideal de potencial transformador, espírito de diversão e certa liberdade e ora expostos a visões negativas, mecanismos de controle, coerção e imposições de mudanças. E poderia estar articulado com o núcleo central por sua força de aparição.

Esteves & Abramoway (2008), afirmam que tratar sobre o tema juventudes é complexo e desafiador, uma vez que o jovem é um sujeito social, presente em todos os espaços e vivendo as mais diferentes realidades. Ele está na saúde, na educação, no transporte, no trabalho, na cultura, no bairro. (LEITE, 2014). Além disso, a juventude não é um conceito dado” (SOUZA, 2012, p. 353), pois se refere a um período que não se restringe a idade, mas que contempla outros fatores relacionados a intensas transformações biopsicossociais, que são situadas historicamente e, que variam de acordo com as diferentes classes sociais, culturas, épocas, etnias, gênero, dentre outros determinantes (UNESCO, 2004).

Nesse movimento ambíguo, resistir pode ser de certa forma, reconhecer as remodelações da representação juvenil, que também implica no fator “**diversão**”, por meio da dicotomia que emerge nas classes sociais; Apesar da delimitação do grupo populacional jovem sofrer variações segundo contextos particulares, convencionou-se alguns anos para tal etapa da vida o estabelecimento de ciclos de idade, definidos a partir de fatores e exigências

relacionados à aquisição da autonomia, inserção no mercado de trabalho, expectativa de vida da população, dentre outros fatores (AQUINO, 2009).

Estes fatores se fazem significativos à medida que a juventude contemporânea se configura enquanto uma categoria que já tem condições de produzir e de se inserir ativamente na lógica de mercado, mas que, ao mesmo tempo, ainda é considerada enquanto uma etapa de preparação para tornar-se produtiva na sociedade. Por ser uma construção social muito diversa, que abarca inúmeros segmentos, tornar-se necessário contextualiza-la a partir de suas relações com gênero, raça, cultura e classe social. Não há uma única juventude, e sim várias formas de vivências de juventudes (ABRAMO, 2019).

Para os autores, existem muitos e diversos grupos juvenis, com características particulares e específicas, que sofrem influências multiculturais. Não há uma cultura juvenil unitária, mas culturas juvenis, com pontos convergentes e divergentes, com pensamentos e ações comuns, mas que são, muitas vezes, completamente contraditórias entre si. Além disso, viver a condição juvenil num lugar de expectativas, costumes e experiência para tal etapa, não é uma opção de escolha para todos os jovens.

Ao considerar os mesmos recortes, a **“transformação”**, que também está na primeira periferia, um espaço que suporta a heterogeneidade do grupo e a integração de história individuais, pode estar vinculada a sentidos distintos no que diz respeito as diferentes juventudes em suas dadas realidades. Transformar pode ser sinônimo de superar e ocupar um lugar de responsabilidade emancipatória, de rompimento com seus costumes e possibilidades. Uma vez que para jovens com condições de classe mais favorável e com mais mecanismos de acesso à condições de vida privilegiadas se expõem à demandas de ocupar lugar de garantias e expectativas frente ao futuro da sociedade, enquanto, do ponto de vista sociológico e cultural, o adolescente/jovem em situação de risco e vulnerabilidade, por exemplo, somente vive a fase quando condições sociais forem dadas. (UNICEF, 2011)

Na zona de contraste **“felicidade”**, **“esperança”** e **“destino”**, **“estudos”** e **“oportunidades”**.

Como já mencionado anteriormente, sobre a ambiguidade experimentada pela construção juvenil nas sociedades desde a modernidade e sobre elementos que fazem parte de mecanismos de pressão e controle, a **“felicidade”** e **“esperança”** também podem compor esses pilares de tensionamentos relacionado a identidade juvenil.

Esteves e Abramovay (2007) afirmam que a sociedade imputa aos jovens uma centralidade estética e deixa uma lacuna ética. Nesse sentido, os jovens são colocados em polos de tensão e entrelaçados por discursos paradoxais relacionados a novidade, padrão estético e de comportamento a ser seguido, em um poder de vitalidade e transformação, compondo um lugar social de felicidade e esperança. Porém, os relacionam também a acontecimentos de desorganização, violência e falta de prestígio, como algo inerente a juventude, sem considerar que ela é atravessada por elementos contextuais. Nesta visão determinista e a partir dos adultos, o **“destino”** do grupo tornar-se interesse de controle e passa a ser discutido através das saídas programadas e relacionadas aos modelos sociais atuais.

Dayrell (1996, 2003), afirma que os jovens devem ser considerados seres humanos que experimentam diversas emoções, que vivem, amam e sofrem. Além disso, pensam sobre suas condições de vida, têm posicionamentos e apresentam desejos e propostas de melhoria para suas vidas. Portanto, **“é nesse processo que cada um deles vai se construindo e sendo construído como sujeito: um ser singular que se apropria do social, transformado em representações, aspirações e práticas, que interpreta e dá sentido ao seu mundo e às relações que mantém.”** (p. 43)

Desta forma, **“destino”**, **“estudos”** e **“oportunidades”**, fazem parte de elementos relacionados a juventude numa perspectiva de preparação para o futuro, superação e projeto

de vida. A discussão em torno dos jovens e juventudes é um desafio que convoca à percepção das características sociais entre jovens e com os adultos que estão ao seu redor, na família, na escola e outros espaços na escola e no bairro e como os aspectos desencadeiam em diferenciações psicossociais, ou seja, na formação identitária, de atitudes valores e visões de mundo (Souza, 2006)

Os projetos de vida, em sua maioria, apresentam ideias centrais relacionadas estabilidade econômica e afetiva, cuja realização é buscada por meio da conquista do emprego e oportunidades que viabilizem a aquisição de bens materiais, principalmente a casa, que por sua vez, constitui condição concreta para a constituição da própria família. (CARROCHANO, 2018)

Entretanto, cabe ressaltar, que a demanda por consumo faz parte das exigências desiguais e de individuação e o grupo “excluído da economia e da sociedade é diretamente estimulado a possuir o que não pode comprar(...)” (Costa, 2006, p. 77). Além disso, a inserção precária e de baixa qualidade na Educação Básica e as poucas oportunidades de trabalho e de lazer, a ausência de uma formação ética, cidadã e de compromisso com o que é comunitário, a deficitária formação para o respeito à natureza e aos animais, que deveriam convergir para uma cultura de paz têm posicionado os jovens à margem de uma participação mais cidadã e democrática (SOUZA; PAIVA, 2012, p. 359).

Já na segunda periferia surge **“sonhos”, “jovem”, “ansiedade”, “vivência” e “aprendizagem”**.

O **“jovem”** como ator principal no que diz respeito às juventudes aparece como pilar para a uma construção relacionadas aos aspectos socioculturais, econômicos e políticos. Como já discutido neste trabalho, ser jovem é experimentar uma vivência em constante mudança e atrelada a imposições de novas aprendizagens.

Os jovens vivem, na contemporaneidade, uma constante exposição a profundas transformações decorrentes do campo econômico, político e social, e que influenciam em suas transições para a vida adulta. A sociedade de consumo e ostentação marcam desigualdades que geram angústia, ansiedade e frustrações. O ideal a ser atingido sempre parece distante e inalcançável. (ESTEVES & ABRAMOVAY, 2008). “Além disso, existem negações que os adolescentes e jovens sofrem socialmente por não terem o corpo ideal, ou objetos de consumo da moda, como propagados pelas mídias, e ainda aqueles relacionados ao gênero e etnia.” (BISSOTO, 2016, p.15).

No que diz respeito aos **“sonhos”**, estudos centrados em um olhar para o tema por meio de um viés antro-po-histórico destacam que tais elementos são de grande importância para as reflexões sobre o mundo contemporâneo. Nesse sentido, nos auxilia no entendimento de que as culturas e o simbólico são produtos de lutas, história e relações de forma e que, a partir deste olhar, os sonhos são mediados pela cultura e pelo conjunto de sentidos e significados e reinventado por novas formas de tecnologia, comunicação social, fatores econômicos, ou seja as tendências de cada tempo que influenciam as expectativas.

Porém como apresenta Nunes et al (2021), “quais são condições de jovens que “nunca foram sonhados”, quer pelos seus pais, quer pelas escolas?” (p.643) Para os autores, são aqueles que os sonhos não cabem nas escolas e que suas expressões evocam um olhar apara suas realidades, de jovens com poucos recursos ou nenhum acesso a direitos básicos, que são marginalizados e inviabilizados para a sociedade que os colocam em lugar de passagem. Neste sentido, a condição social pode ser limitadora aos sonhos e, pode o jovem recorrer a estratégias de adaptação dos seus projetos e sonhos à realidade de vida, uma reorganização de seus desejos.

5.3 Análise de similitude

Como destacado anteriormente, o método de análise de similitude é indicado como complementar a análise prototípica por Abric (1994), portanto, sua conjunção possibilita acesso a outras dimensões para o estudo. Denominada como tal, a análise de similitude auxilia na busca pela estrutura das representação e detecta o grau de conexão dos elementos da representação social; tem sua base teórica na matemática e apoia-se na teoria dos grafos, possibilita a distinção das partes comuns e as especificidades em função das variáveis identificadas na análise. (FLAMENT, 1985)

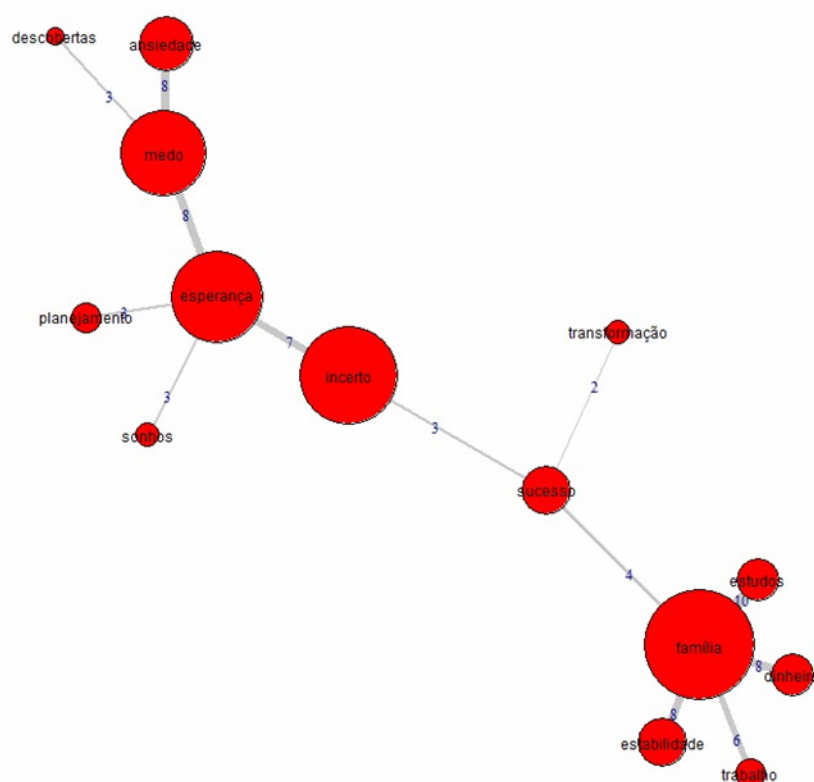


Figura 3: Análise de similitude do termo induto futuro: “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA FUTURO”

Fonte: Elaborado pelo autor

Observa-se que na análise de similitude da evocação do termo: “O QUE VEM NA SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA FUTURO” há presença dos termos “**incerto**”, “**medo**” e “**estabilidade**” como elementos centrais, reforçando a ideia do núcleo central no modelo apresentado de quatro casas. Além disso, “**família**” e “**esperança**” “podem também fazer parte do núcleo central, seja pela força de conexão com os elementos centrais “**estabilidade**”, “**medo**” e “**incerto**”. É possível notar também a presença de três macrorregiões compostas por “**família**”, “**sucesso**” e “**esperança**” em conexão com vários elementos e com grande espessura.

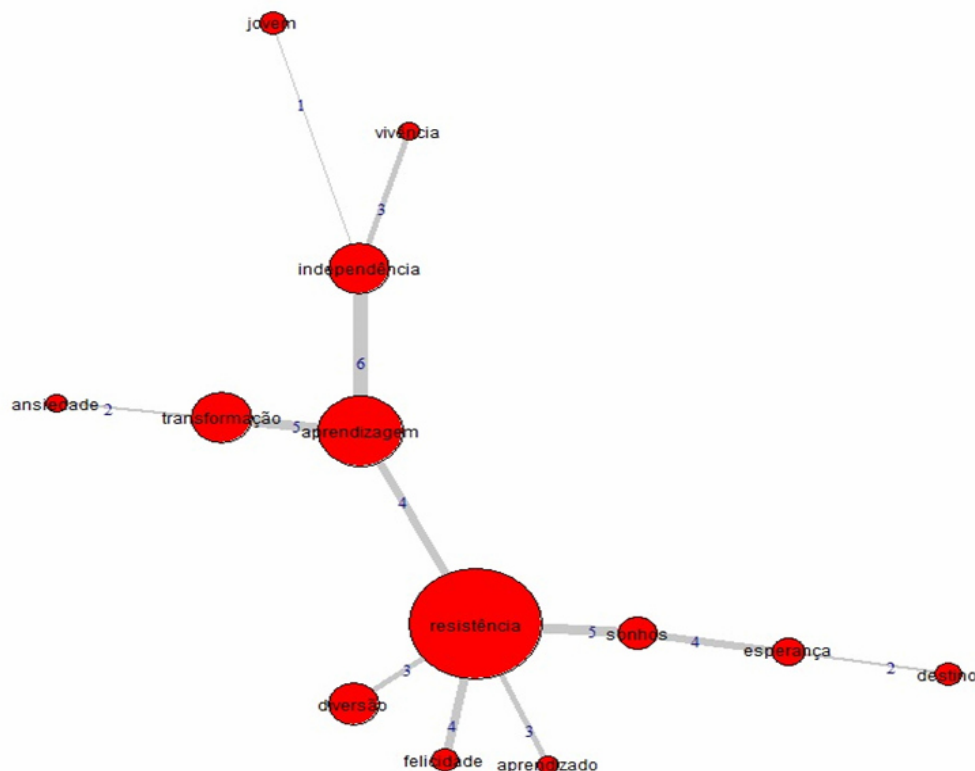


Figura 4: Análise de similitude da questão de evocação livre do termo indutor juventude “O QUE VEM A SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA JUVENTUDE”

Fonte: Elaborado pelo autor

Observa-se que na análise de similitude da evocação do termo: “O QUE VEM NA SUA MENTE QUANDO LÊ A PALAVRA JUVENTUDE” há presença dos termos “**aprendizagem**” e “**independência**” como elementos centrais, reforçando a ideia do núcleo central no modelo apresentado de quatro casas. Além disso, “**resistência**” possivelmente faz parte do núcleo central, seja pela força de conexão com os elementos centrais ou pela quantidade de elementos em conexão com o termo.

5.4 Análise de Conteúdo

Para as perguntas abertas, utilizou-se o procedimento de análise de conteúdo desenvolvida por Laurence Bardin, no início do século XX. Tal metodologia é utilizada para interpretação de dados e contribui para a investigação do discurso presentes no instrumento utilizado e para compreender as relações entre o conteúdo e os aspectos externos a ele. (BARDIN, 2016) Dessa forma, tal procedimento além de permitir a interpretação dos dados oriundos das respostas dos jovens às perguntas abertas, possibilita uma análise crítica dos significados das palavras. Para Bardin, “tratar o material é codificá-lo e a codificação é o processo de transformação de dados brutos em uma expressão esclarecedora do conteúdo, através de regras precisas.” (BARDIN, 2004, p.97)

Neste sentido, o método acompanha as indicações para divisão de etapas para a categorização dos resultados e identificação das mensagens semelhantes sendo elas de acordo com Bardin (2016): *pré-análise, a exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e a interpretação.*

- A pré-análise é a fase de organização, que consiste na leitura do material para interpretação das respostas e construção de hipóteses; um período de intuições que tem por objetivo de sistematizar as ideias e torna-las operacionais, com a missão de escolher os documentos submetidos à análise, formular hipóteses e elaborar os indicadores que fundamentam a interpretação final.

- A exploração do material consisti na etapa posterior às operações da pré análise e que se desenvolvida de forma conveniente proporciona à fase análise a aplicação sistemáticas das decisões tomadas; seja por procedimentos manuais ou por computadores. Assim, na exploração do material, onde os resultados são identificados e categorizados;

- Já na etapa de tratamento dos resultados, os produtos brutos serão tratados de forma significativa, que inclui a inferência e a interpretação, codificando os resultados obtidos através do material utilizado e o propósito dos objetos.

Após uma leitura inicial, os dados foram codificados de acordo com a repetição de palavras, que foram agrupadas em unidades de registro e categorizadas progressivamente com base nos resultados observados. As três primeiras perguntas tinham por objetivo compreender se existiam fatores externos relacionados ao planejamento de futuro durante a juventude pela perspectiva dos jovens e quais seriam estes fatores, porém as respostas obtidas proporcionaram apenas a divisão entre categorias principais SIM ou NÃO, que foram quantificadas e apresentadas, conforme as tabelas abaixo.

Já nas quarta e quinta perguntas, teve por objetivo identificar elementos relacionados a projeção de futuro dos jovens a partir de sua visão de mundo e experiências sociais vividas, além de possíveis preocupações vinculadas à tais fatores. Desta forma, a divisão em categorias obedeceu critérios de triangulação e repetição de palavras. As temáticas escolhidas para categorizar as respostas da questão 4 foram: *realizado profissionalmente, estável, com família formada, independente e viajando*. Na questão 5 utilizou-se trabalho, objetivos planejados, modo de vida, medo e instabilidade e mais uma nomeada como nenhum anterior para contemplar às respostas que não estavam dentro das categorias organizadas.

Tabela 1: Análise de Conteúdo- Pergunta 1- Alguém planejou seu futuro?

Categoria	Unidades de Registro	Frequência	Unidade Prototípica
Não	55	53,92%	<i>“Não. Sempre fui direcionado a importância de estudar e trabalhar mas nunca planejei minha vida”</i> <i>“Não, minha família sempre me deixou”</i> <i>“Não, minha mãe sempre foi minha amiga, sempre me acompanhou em tudo e me apoiando em minhas escolhas.”</i>
SIM	45	44,11%	<i>“Sim, acho que é de praxe os pais inicialmente planejem como deve ser nossa vida ou que caminho deveríamos seguir.”</i> <i>“Sim, normalmente a família quer planejar por mim.”</i> <i>“Sim, meus pais tinham planos do que gostariam para mim, mas nunca foi uma imposição.”</i>
Não se aplica	2	1,51%	<i>“Acredito que não”</i> <i>“Mais ou menos”</i>
Total	102	100%	-

Após ser indagado sobre a participação de alguém em seu planejamento de futuro, sendo maior quantidade de resposta dentro da categoria de NÃO compondo 55 unidades de registros, ou seja 53, 92% e SIM como reconhecimento da participação de alguém no planejamento de seu futuro, com 45 unidades de registros, ou seja representando 44,11% dos jovens participantes. Aqui fica claro que há uma interpretação acerca de planejamento como algo não positivo para a maioria dos jovens. Ou seja, uma interferência. A pergunta aqui sofreu esse viés, mas conseguimos compreender que os jovens entrevistados se dividiram sobre como entender planejamento, que na intenção da pesquisa se referia a participação nos projetos de futuro.

Tabela 2: Análise de Conteúdo- Pergunta 2- Em sua família se sentia ou sente pressionado quanto ao futuro?

Categoria	Unidades de Registro	Frequência	Unidade Prototípica
SIM	56	54,90%	<i>“Sim, minha família me imagina formando e trabalhando na minha área, porem que seja perto de casa, as vezes penso em concurso em outros estados e me pego nesta pressão.”</i> <i>“Sim, pressionado para ter emprego que ofereça estabilidade financeira.”</i> <i>“Sim, sempre, principalmente porque na minha casa sou a primeira pessoa a cursar uma graduação.”</i>
Não	46	45,09%	<i>“Não, sempre me deram abertura depois da adolescência para seguir minha vocação em qualquer área que seja.”</i> <i>“Não muito, sempre me cobraram responsabilidades mas a maioria das coisas eu corri atrás por conta própria. Como a procura do meu primeiro emprego, os cursos que fiz, todos foram iniciativas minhas e não.”</i> <i>“Não, minha família costuma me apoiar e ajudar quando preciso, sem cobrar tanto de mim.”</i>
Total	102	100%	-

Para esta pergunta, objetivo era entender a relação que jovem traz em sua projeção de futuro relacionados à possíveis fatores externos e familiares. As respostas divididas nas duas principais categorias de SIM ou Não, apresentaram 56 unidades de registros para categoria SIM, em um percentual de 54,90% e 46 unidades de registros para NÃO, com um percentual de 45, 09%.

Tabela 3: Análise de Conteúdo- Pergunta 3- Quando na escola se sentia ou sente pressionado quanto ao futuro?

Categoria	Unidades de Registro	Frequência	Unidade Prototípica
SIM	78	76,47%	<i>“Sim, sempre quando falavam “futuro depende de você” para mim pesava muito, eu não me sentia capaz por exemplo de estar onde estou agora, cursando psicologia com bolsa 100% do prouni, nunca me imaginei estar neste local”</i> <i>“Demais, muitos caminhos à se seguir me deixava extremamente confuso e indeciso, me causando uma grande ansiedade.”</i> <i>“A todo momento, principalmente no ensino médio em que você é obrigado a começar a pensar o que quer fazer PELO RESTO DA VIDA.”</i>
Não	24	23,52%	<i>“Não me sinto pressionada pois entendo que cada ser humano é único e cada pessoa deve viver de acordo com sua maneira e no seu tempo.”</i> <i>“Não. Sempre busquei aproveitar as experiências do âmbito escolar”</i>
Total	102	100%	-

Para esta pergunta, objetivo era entender a relação que jovem traz em sua projeção de futuro relacionados à possíveis fatores vinculados às instituições escolares. As respostas divididas nas duas principais categorias de SIM ou Não, apresentaram 78 unidades de registros para categoria SIM, em um percentual de 76, 47 % e 24 unidades de registros para NAO, com um percentual de 23,52%. Nas unidades prototípicas das respostas apresentadas anteriormente, o tema família e escola como elementos relacionados à visão de futuro por jovens se evidenciam. A educação escolar, muitas vezes, indicada como meio de ascensão social ancora os projetos de vida dos jovens e fazem parte dos seus imaginários, no lugar de um caminho e estrutura para o futuro que auxilia no alcance de um projeto socioeconômico mais elevado. “No entanto, e contradizendo esse imaginário, parte desses jovens parece imputar à escola a impossibilidade de virem a concretizar seus projetos de vida, na medida em que os certificados escolares que conseguem obter não os levam a sair das condições de precariedade em que vivem.” (CAMPINAS, 2020, p. 88).

Em conjunto, a família, como já mencionado neste trabalho, aparece como temas centrais nas pesquisas com jovens nos últimos anos e autores como Abramo (2005), destacam que ela ocupa um lugar relevante na vida dos jovens e através de uma realidade complexa e heterogênea se direciona como um polo de organização da vida do jovem, assim como projeto de realização dos mesmos.

Tabela 4: Análise de Conteúdo- Pergunta 4 - Você consegue expressar o que gostaria de fazer daqui há uns cinco anos?

Categoria	Unidades de Registro	Frequência	Unidade Prototípica
REALIZAÇÃO PROFISSIONAL	34	33,33%	<i>“Gostaria de estar formada e exercendo a profissão que escolhi com maestria.”</i> <i>“Bem sucedida na minha profissão, espero dar o melhor de mim e trabalhando onde eu queria trabalhar”</i> <i>“Ter uma profissão do jeito que eu sonhei”</i>
ESTABILIDADE	20	19,6%	<i>“Ter minha estabilidade de vida em todos os sentidos”</i> <i>“Ter uma vida minimamente estável na minha profissão e outras áreas da vida, que possibilite ter uma vida sem preocupação de como sobreviver “</i> <i>“Estabilidade financeira em algo que minimamente for agradável pra mim.”</i>
FAMÍLIA	19	18,62%	<i>“Ter um emprego, ter filhos, poder sempre aproveitar grandes momentos em família “</i> <i>“Ter minha família estruturada “</i> <i>“Sim, quero estar formada, trabalhando e começando a construir minha família.”</i>
INDEPENDÊNCIA	17	16,66 %	<i>“Ter conquistado minha independência financeira e concluir um mestrado”</i> <i>“Libertar das obrigações e fazer o que me faz bem.”</i> <i>“Gostaria de conquistar minha independência financeira, sair da casa da minha vó, casar e viver minha vida.”</i>

Para esta pergunta, o objetivo foi identificar elementos relacionados a projeção de futuro dos jovens a partir de sua visão de mundo e experiências sociais vividas. As categorias escolhidas as respostas foram: *REALIZADO PROFISSIONALMENTE, ESTÁVEL, COM FAMÍLIA FORMADA, INDEPENDENTE E VIAJANDO*. Tal questão foi de grande importância para o trabalho pois ajudou a identificar as possíveis representações sociais partilhadas acerca do futuro por jovens do Brasil.

A primeira categoria destaca a **realização profissional** com 34 unidades de registros eminentes, ou seja, 33, 33% da frequência. As unidades prototípicas para esta categoria são: *“Gostaria de estar formada e exercendo q profissão que escolhi com maestria.”*, *“bem sucedida na minha profissão, espero dar o melhor de mim e trabalhando onde eu queria trabalhar”* e *“Ter uma profissão do jeito que eu sonhei”*. As respostas relacionadas a esta categoria foram a maioria em número e podem representar o que a juventude pode encarar o futuro e trabalho em perspectivas diferentes, em busca de um futuro que pertença só a eles e que seja fruto de uma juventude proativa que possa elaborar planos que lhes façam sentido, compostos por novas atividades em busca de qualificação, empreendedorismo e capacitação para alcançar o mercado de trabalho e melhorias. Assim, farão esforço para alcançar e atingir realização profissional e novas alternativas econômicas sociais e políticas integrativas em sua vida, onde o trabalho se vislumbra e significa algo diferente do passado. (ZUMALDE, 2022)

A segunda categoria destacada é a **estabilidade** com 20 unidades de registros eminentes, ou seja, 19, 06% da frequência. As unidades prototípicas para esta categoria são: *“Ter minha estabilidade de vida em todos os sentidos”*, *“Ter uma vida minimamente estável na minha profissão e outras áreas da vida, que possibilite ter uma vida sem preocupação de como sobreviver “* *“Estabilidade financeira em algo que minimamente for agradável pra mim.”*

Diante de um cenário envolvido por uma pluralidade de pertencimentos relacionados à aspectos sociais e grupos de referência, participam, real ou imaginariamente, de uma multiplicidade de mundos. Porém, para os jovens quando convocados a escolher e tomar decisões as incertezas. Tais mecanismos se soma uma ampliação do sentimento e da ideia do risco e desejo por estabilidade. Além disso, elementos como crises ambientes, guerras, epidemias, novas formas de desigualdade alimentam tais sentimentos e colocam em xeque dimensões de segurança, certeza e controle. O futuro foge do controle e novas formas de temporização surgem, sentimentos difusos contrapõem a ideia de um futuro aberto para algo governado pelo risco. (MELUCCI, 2004).

A terceira categoria destaca a **família** com 19 unidades de registros eminentes, ou seja, 18, 62% da frequência. As unidades prototípicas para esta categoria foram: *“Ter um emprego, ter filhos, poder sempre aproveitar grandes momentos em família, “Ter minha família estruturada ““Sim, quero estar formada, trabalhando e começando a construir minha família.”*

A quarta categoria destaca a **independência** com 17 unidades de registros eminentes, ou seja, 16, 66% da frequência. As unidades prototípicas para esta categoria foram: *“Ter conquistado minha independência financeira e concluir um mestrado, “Libertar das obrigações e fazer o que me faz bem.”, “Gostaria de conquistar minha independência financeira, sair da casa da minha vó, casar e viver minha vida.”*

A quinta categoria destaca a **viagem** com 6 unidades de registros, ou seja, 5,88% da frequência. As unidades prototípicas para esta categoria foram *“Conhecer o mundo” “Várias viagens em família ““Gostaria de viajar e realizar trabalhos comunitários.*

Por fim, cabe destacar que de acordo com Vieira (2016), os jovens estão expostos à paradoxos e construções de múltiplos olhares e representações sobre eles construídos; olhares atenciosos avindos de pessoas comuns, agentes de intervenção social e política, educadores que revelam e impõem juízos morais pela ótica adultocêntrica sobre os mesmos como sujeitos avaliados e convocados a corresponder socialmente ao lugares a que lhe foram preparados.

Tabela 5: Análise de conteúdo Pergunta 5- Comente com suas palavras quais as maiores preocupações que você tem em relação ao futuro:

Categoria	Unidades de Registro	Frequência	Unidade Prototípica
CONQUISTAS POR MEIO DO TRABALHO	44	43,13%	<i>“Conseguir seguir a carreira que eu gostaria de forma satisfatória e que seja capaz de proporcionar uma vida confortável para mim e para minha família.”</i> <i>“Em relação a conseguir um bom emprego que supra as minhas necessidades, não somente em relação a dinheiro mas também em relação às minhas vontades pro futuro.”</i> <i>“Conseguir um emprego e me sustentar para não ter que depender da vontade dos outros e assim poder seguir meus desejos com sinceridade comigo.”</i>
ATINGIR PLANOS DE VIDA	34	33,33%	<i>“Nada dar minimamente certo da forma como planejei”</i> <i>“Que eu não realize os planos que idealizei”</i> <i>“Tenho medo do meu futuro não ser da forma que planejo e imagino no meu presente.”</i>
N/A	24	23,52%	<i>“Acredito em Deus, e que ele voltará. Então em relação ao que mais almejo para o futuro é ser salva, e morar com ele.”</i> <i>“A realidade social do meu povo”</i> <i>“Que as pessoas preguiçosas, egoístas, sem valores, sem opinião própria e prepotentes sejam a maioria no mundo”</i>
Total	102	100%	

Tal questão foi de grande importância para o trabalho pois ajudou a identificar as possíveis representações sociais compartilhadas acerca do futuro por jovens do Brasil e teve por objetivo identificar possíveis elementos relacionados às preocupações a partir de experiências sociais e realidades. As categorias escolhidas as respostas foram: *CONQUISTAS POR MEIO DO TRABALHO E ATINGIR PLANOS*, além disso outras respostas identificadas como fora das categorias divididas.

A primeira categoria destaca *conquistas por meio do trabalho* com 44 unidades de registros eminentes, ou seja, 43, 13% da frequência. As unidades prototípicas para esta categoria foram: *“Conseguir seguir a carreira que eu gostaria de forma satisfatória e que seja capaz de proporcionar uma vida confortável para mim e para minha família.”*, *“Em relação a conseguir um bom emprego que supra as minhas necessidades, não somente em relação a dinheiro mas também em relação às minhas vontades pro futuro.”* e *“Conseguir um emprego e me sustentar para não ter que depender da vontade dos outros e assim poder seguir meus desejos com sinceridade comigo.”*

A segunda categoria destaca *atingir planos de vida com* 34 unidades de registro e, portanto, 33,33% da frequência. As unidades prototípicas para esta categoria foram: *“Nada dar minimamente certo da forma como planejei”*, *“Que eu não realize os planos que idealizei”* e *“Tenho medo do meu futuro não ser da forma que planejo e imagino no meu presente.”*

Algumas unidades de registros não se encaixaram dentro das temáticas das categorias e divididas e foram consideradas dentro do percentual nomeado como N/A e com 24 unidades de registros e 23,52% da frequência Planos e/ou projetos de vida atrelados ao fator trabalho fazem parte das discussões e pesquisas acerca da juventude e futuro nos últimos anos. Como afirma Leão et al (2011), os projetos de vida relacionados às questões juvenis são tomados

como um conjunto ações que delimita escolhas entre os futuros possíveis, em um movimento de tornar desses e fantasias em objetos praticáveis que orientam o rumo nas vidas dos jovens; não é um plano linear e matemático ou imutável, mas vinculado à expectativa de realização profissional, escolar, afetivo e etc. Dessa forma, cada projeto tem uma dinâmica própria e suas elaborações certa dependência do contexto socioeconômico e cultural em que os jovens estão inseridos. “(...) falar em projeto é referir-se a uma determinada relação com o tempo, em especial o futuro, e especificamente às formas como a juventude lida com esta dimensão da realidade.” (LEÃO et al, 2011p.1071)

Neste sentido, na contemporaneidade surgem em relação a ideais de construção de projetos de vida a determinação em adiar a satisfação e prazeres do tempo presente em busca de benefícios futuros ,uma vez que o tempo vivido é lido como uma preparação para um futuro; Assim, a inserção social dos jovens se consagra como resultado das capacidades individuais de elaborar um determinado projeto de vida e persistir no mesmo, tornando-se uma responsabilidade pessoal que vai explicar (e justificar) o lugar social que passará a ocupar quando adulto.(p.1072)

Além disso, no que diz respeito ao trabalho e os vários elementos que compõem a temática o futuro se apresenta instável. Expostos à desejos e necessidades, os jovens buscam construir suas próprias oportunidades e seu futuro no mundo do trabalho e seguem recebendo oportunidades ruins para trabalhadores sem experiência ao passo que buscam reagir, ora aceitando, ora buscando outros significados, modos de agir, sentir e pensar o trabalho. (ZUMALDE, 2022)

O autor, ainda afirma, que diante dessa visão do jovem sobre o futuro representa a necessidade de inserção em alguma atividade laboral que lhe garanta renda e realização. É a partir desse movimento inicial representado pelo trabalho que o jovem vai atrás de algo que lhe dê sentido, com certa oposição à carreira tradicional ou as profissões demarcadas do passado. Dentro dessa equação, o jovem vai construir sua identidade visando o futuro e pode encontrar conexão consigo e ações coletivas de outros jovens a partir de vínculos comuns compartilhados de uma jornada marcada pela falta de trabalho com carteira assinada, mas com grandes perspectivas de futuro; por um amanhã não pautado por profissões do futuro mas pensado a partir de como será o trabalho humano nesse futuro. (ZUMALDE,2022).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Elaborar pesquisas acerca da juventude e do futuro na atualidade é uma forma de contribuir para a ampliação dos debates acerca das questões que envolve o público jovem, uma vez que possibilita a aproximação das diferentes realidades que compõe a vida dos jovens pertencentes ao território brasileiro. Uma perspectiva que considere as construções sociais, junto a desafios e percepções sobre o que é ser jovem hoje, pode trazer novas visões sobre fenômenos e questões vinculadas à juventude e contribuir para novas abordagens, entendimentos e cuidados para os grupos juvenis, assim como para novos caminhos frente às políticas públicas e sociais; uma vez que ficou claro a importância de entender a diversidade da juventude e, ao mesmo tempo, reconhecer a existência de elementos partilhados por tal grupo que compõem suas experiências e formações, nos dias atuais.

A Teoria das Representações Sociais junto a articulação metodológica possibilitou o contato com os elementos psicológicos e sociológicos frente ao fenômeno da juventude atrelado a visão de futuro; auxiliou na apreensão de elementos muito íntimos da formação dos sujeitos jovens e outras vinculados a compressão da dinâmica social de tal categoria.

Os resultados demonstram que futuro é visto como incerto, revela medo e incerteza, mas a família e a esperança se mantem presente. Quanto a juventude, as representações sociais agregam elementos como aprendizagem e independência com força no elemento resistência. Conclui-se que ainda que a juventude traga conquistas da independência e da força, o futuro ainda agrega medo e incertezas. Ou seja, ser jovem é um ativo importante e reconhecido entre os próprios jovens, mas estão presos a uma perspectiva de futuro que gera medo e incertezas.

Tal pesquisa pode contribuir positivamente para os debates atuais sobre a juventude e para um olhar mais cuidadoso sobre jovens que são temas de destaques e preocupações em elementos voltados para educação, saúde, economia e diversos outros. Entretanto, cabe destacar, que tal pesquisa foi desenvolvida ainda no contexto pandêmico e acompanhada pelos desafios de execução remota.

Dessa forma, deixa-se interesse de continuidade e indicação para um estudo futuro à investigação acerca da juventude negra, na região sul fluminense em seu aspectos psicossociais de formação identitária e perspectivas de futuros.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABERASTURY, A. & KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Arned. Porto Alegre, 1992
- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, p. 351-368, 2005.
- ABRAMO. **Juventude no Brasil [livro eletrônico]** / Laura Martin, Luís Fernando Vitagliano (orgs.). – São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2019.
- ABRIC, J. C. A zona muda das representações sociais. In: OLIVEIRA, D. C.; CAMPOS, P. H. F. Representações sociais: uma teoria sem fronteiras. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. p. 23-34. (Coleção Memória Social).
- ABRIC, J. C. Prácticas sociales y representaciones. México: Coyoacán, 2001.
- ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: Moreira, A.S. P.; Oliveira, D. C. (Orgs.), Estudos interdisciplinares de representação social. Goiânia: AB, 1998. p. 27-38
- ADAM JM, FONSECA DC JUVENTUDE, EDUCAÇÃO, VIOLÊNCIA E PERSPECTIVAS DE FUTURO Cad. Cedes, Campinas, v. 40, n. 110, p.1-3, Jan.-Mar., 2020
- ALMEIDA, A.M.O. **Teoria das Representações Sociais**. In TORRES, C.V & NEIVA, R.E. Psicologia Social Principais Temas e Vertentes, Capítulo 15, 324-336, 2ª edição, Porto Alegre, 2023.
- ALMEIDA, Angela M.de O.; SANTOS, Maria de Fátima de S. A teoria das representações sociais. In: TORRES, Cláudio V.; NEIVA, Elaine R. (Orgs.). Psicologia social: principais temas e vertentes. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.287- 295.
- AQUINO, L. **A juventude como foco das políticas públicas**. In Juventudes e Políticas Sociais no Brasil, Brasília, 2009.
- ARAUJO, N.C.C. Juventude na contemporaneidade: leituras de desenhos de futuro. Tese.UERJ, 2019
- ARIÉS, P. **História Social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- Atlas das Juventudes Evidências para a transformação das juventudes, 2019. Disponível em: <https://atlasdasjuventudes.com.br/>
- BANCHS, M.A. O papel da emoção da representação do self e do outro de uma família incestuosa. In Lane, S.T.M e Sawaia, B, 2000.
- BARÃO, M et al. **Atlas da juventude, Evidencias para a transformação da juventude**, 2021. Disponível www.atlasdajuventude.com.br Acesso em 01.02.2023
- BARDIN, **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Ed.70, 1979
- BISSOTO, M.A In prefácio da obra **Resiliência e Vulnerabilidade Social- Uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência** (Emarianne Campanha Teixeira)

BISSOTO, M.L. A educação sociocomunitária: reflexões sobre educação para autonomia, EccoS – Rev. Cient., São Paulo, n. 41, p. 157-172, set./dez. 2016.

BOCK, A.M.B. **A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE) • Volume 11 Número 1 janeiro /junho 2007 • 63-76.

BRASIL, **Estatuto da Criança e do Adolescente.** (1990). Diário Oficial da União. Lei nº 8069, 1990. Brasília – DF, 1990.

BRASIL, **Estatuto da Juventude (2016).** Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. **Estatuto da Juventude.** Brasília, 2013. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>. Acesso em: 10 mar. 2016.

BRASIL, IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 2010.** 2010. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em: 25 ago. 2016

BRASIL, IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios : síntese de indicadores 2015 /** IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016. 108p.

BRASIL, IBGE. **Síntese de indicadores sociais : uma análise das condições de vida da população brasileira : 2016 /** IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro : IBGE, 2016 146 p. - (Estudos e pesquisas. Informação demográfica)

BRASIL, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais. Uma análise das condições e vida da população brasileira.** Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica, n.40, 2019.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Sinopse do Censo Demográfico,** Brasília. IBGE, 2015

BRASIL, IPEA. **Dimensões da experiência juvenil brasileira e novos desafios às políticas públicas.** (orgs) Enid Rocha Andrade da Silva, Rosana Ulhôa Botelho. – Brasília, 2016.

BRASIL, IPEA. **Mercado de trabalho: conjuntura e análise / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.** Ministério do Trabalho. – v.1, n.0, (mar.1996)-. - Brasília, 2019.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo técnico: Censo da Educação Básica 2018.** Brasília, 2013.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo técnico: Censo da Educação Básica 2018.** Brasília, 2019.

BRASILIA , DF, Secretaria Nacional de Juventude. **Política Nacional de Juventude,** 2006. Disponível em Brasília, DF Secretaria Nacional de Juventude

CALLIGARIS, C. **A adolescência.** São Paulo Publifolha, 2000.

CAMARANO, A. A. et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. Última Década, Santiago, v. 12, n. 21, p. 11-50, dez. 2004.

CANDIDO, C. M. et. Al. A representação social do “bom professor” no ensino superior. Revista Psicologia & Sociedade, 26(2), p. 356-365, 2014.

CARRANO, P. C. R.; MARINHO, A. C.; OLIVEIRA, V. N. M. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de Ensino Médio. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 41, n. esp., p. 1439- 1454, dezJ

CARRANO, P. Identidades culturais juvenis e escolas: arenas de conflitos e possibilidades. In: MOREIRA, A. B.; CANDAU, V. M. (Orgs.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 182-211.

CARVALHO(Org.), D. et al **Perfil sociodemográfico dos jovens na cidade do rio de janeiro, Rio de Janeiro, dezembro de 2015. Disponível em www.prefeitura.rio.rj.gov.br**

CASTRO E BICALHO, **Juventude, Território, Psicologia e Política: Intervenções e Práticas Possíveis, 2013**

CASTRO, L.R.(Org) **Infância e Adolescência na Cultura do Consumo**. Rio de janeiro,NAU,1999.

CASTRO, L.R.**A infância e seus destinos no contemporâneo**. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, jun. 2002

CASTRO, Paula. **Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici** In *Análise Social*, vol. XXXVII (164), 2002, 949-979

CHAVES, AM. **Representações sociais** In *Psicologia social: temas e teoria / Capítulo 7*. Organização de Leoncio Camino; Ana Raquel Rosas Torres; Marcus Eugênio Oliveira Lima; Marcos Emanuel Pereira. – 2. ed. revista e ampliada. – Brasília, DF : Technopolitik, 2013. 792 p. : il.; 23 cm.

Corrochano, Maria Carla et al Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) **Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes**, 2018.cos

COSTA, M.; KOSLINSKI, M. C. Entre o mérito e a sorte: escola, presente e futuro na visão de estudantes do Ensino Fundamental do Rio de Janeiro. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 31, p. 133-154, jan./abr. 2006.

COUTINHO, L. G. **A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social?** Pulsional Revista de Psicanálise, ano XVII,.n.181, 13-19, março/2005

COUTINHO, L.G **Adolescência, Cultura Contemporânea e Educação**. Estilos da Clínica, v 14,nº 2,134-149,2009.

DAYRELL, J. Juventude, socialização e escola. In: DAYRELL, J. et al. (Orgs.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil – Portugal*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012. p. 298-321.

DAYRELL, J. **O jovem como sujeito social**, Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação Set /Out /Nov /Dez 2003 No 24 *Revista Brasileira de Educação*
DOISE, W. Les représentations sociales: définition d'un concept. 1985

DUBET, f. **A ESCOLA E A EXCLUSÃO** Cadernos de Pesquisa, n. 119, p. 29-45, julho/ 2003
FRANÇOIS DUBET École des Hautes Études en Sciences Sociales – Cadis Université Victor Segalen 2 – Bordeaux francois.dube@sociologie.u-bordeaux2.fr Tradução: Neide Luzia de Rezende

ELIAS, N. (1986), *Saggio sul tempo*. Bologna, Il Mulino (1 ed. 1984). [Trad. port.Sobre o tempo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

EMICIDA. **Passarinhos**. São Paulo: Laboratório Fantasma: 2015. 1 CD. Faixa 7 (3min 42seg). Disponível em: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/41670/>. Acesso em: 1 fevereiro 2023.

ESTEVES E ABRAMOVAY. **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade** Brasília : Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco 2007. 342 p. : il – (Coleção Educação para todos; 27)

ESTEVES, LG E ABRAMOVAY, M. **Juventude, juventudes pelos outros e por elas mesmas** In *Mundos sociais: saberes e práticas*, pág. 232, 2008.

FROTA, A.M.M.C. **Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção**. In *Estudos e Pesquisas em psicologia*, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.

GALVÃO, A. A. ONDE ESTÁ O FUTURO? PROJETOS DE VIDA DE JOVENS DA PERIFERIA A PARTIR DAS SUAS VIVÊNCIAS DE TEMPO E ESPAÇO- dissertação. Universidade Federal da Bahia, Salvador 2020

GIL, naza **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Editora Atlas, 4º Edição-São Paulo, 2002.

GOUREVITCH, Aaron J. O tempo como problema de História Cultural. IN.: RICOEUR, Paul (org.). *As culturas e o tempo: estudos reunidos pela Unesco*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 263-283.

GROPPO, L. A. **Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes**. Última Década, Cidpa Valparaíso, n. 33, p. 11-26, 2010.

GROPPO, L.A. **Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis** In *Em Tese*, Florianópolis, v. 12, n. 1, jan./jul., 2015. ISSN: 1806-5023

GROPPO, Luis A, *Teorias críticas da juventude: geração, moratória social e subculturas juvenis*. In *Em Tese*, Florianópolis, v 12, n1, jan/ju, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. **Dialética das juventudes modernas e contemporâneas**. *Educação Cogeime*, Belo Horizonte, ano 13, n. 25, 2004.

GUARESCHI, P. ;JOVCHELOVITCH, S. (Org.). 1995. **Textos em representações sociais**. 2. ed. Petrópolis: Vozes. — — — — —. 2001. *Representações sociais e esfera pública*. Petrópolis: Vozes.RJ; Vozes; 2.ed; 1995. 324 p.

IRAMUTEQ. **Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires Iramuteq (2020)**. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/>. Acesso em: 20 ago. 2020

JESUINO J.C , **Um conceito reencontrado**. In *Teoria das Representações Sociais: 50 anos*. Angela Maria de Oliveira Almeida / Maria de Fátima de Souza Santos / Zeidi fióri Trindade, organizadoras. - Brasília: Technopolitik, 2014

JODELET, D. **Ponto de vista: sobre o movimento das representações sociais na comunidade científica brasileira**. *Temas em psicologia, Ribeirão Preto*, v. 19, n. 1, p.19-26, 2011.

JODELET, D. Contribution à l'étude de la representation sociale. *Les représentations sociales*. Presses Universitaires de France, 2001, p. 31-61. 2001.

JODELET, D. Fou et folie dans un milieu rural français: une approche monographique. In: W. DOISE & A. PALMONARI (Orgs.). *L'Étude des Représentations Sociales*. Neuchâtel: Delachaux et Niestlé, 171 - 192. 1986.

JODELET, D. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

JODELET, D. Os processos psicossociais da exclusão. In: SAWAIA, Bader (org.). *As artimanhas da exclusão: a análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 1999.

JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ. 2001.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, Denise (Org.). *As representações sociais*. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001, p.17- 44

JUVENTUDE BRASILEIRA NO CONTEXTO ATUAL E EM CENÁRIO FUTURO e socioeconômica, ISSN 1516-3296 ; n. 36) Rosemary Barber- Madden Taís de Freitas Santos UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas Universidade de Brasília UNFPA site: www.unfpa.gov.br secretaria nacional da juventude, 2016 organização UFPA

LAHIRE, Bernard. Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável. São Paulo: Ática, 1997. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldefeder, Revista Brasileira de Educação, 1999

LEÃO, G. et al. Juventude, Projetos de Vida e Ensino Médio. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-o:

LEBOURG, E. H.; COUTRIM, R. M. E. “Eu não queria estar aqui”: juventude, Ensino Médio e deslocamento. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p. 609-627, abr./jun. 2018.

LEBOURG, Elodia Honse; COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação e SILVA, Luciano Campos da. **Juventude e transição para o ensino médio: desafios e projetos de futuro**. R. Bras. Est. Pedag. [online]. 2021, vol.102, n.260, pp.82-98. ISSN 2176-6681. <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.102.i260.4149>.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo- Tradução de Norberto Luiz Guarinello, pp. 35-57 In Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo, pp. 35-57 Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2, 2005.

LEITE, A.H.R. **Juventude: estudos em representações sociais**. dissertação. PUC-SP, 2014

LOPES, T.J.S. **As representações sociais na educação**. XI Congresso Nacional de Educação, Paraná, 2013.

MARTIN, L; VITAGLIANO, LF. (orgs). **Juventude no Brasil**. [livro eletrônico] Fundação Perdeu Abramo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2019/05/Juventude-Final.pdf>. Acesso em: 07.06.2021.

MENICUCCI, Telma. **Políticas Sociais no Brasil: Brasil tem um estado de bem estar?** In Políticas Sociais: conceitos, trajetórias e a experiência brasileira/? Telma Menicucci e Sandra Gomes- Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2018.202p (coleção temas em saúde)

MESQUITA, V et al. SISTEMA DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS SOBRE O FUTURO DE JOVENS, 2022 In revista de Educação Pública, v. 31, p. 1-22, jan./dez. 2022

MOSCOVICI, S. O fenômeno das representações sociais. In S. Moscovici (Ed.), *Representações sociais: investigações em psicologia social* (pp. 29-109). Petrópolis: Vozes. 2003.

MOSCOVICI, S. *Representações Sociais: investigações em psicologia social* / Serge Moscovici: editado em inglês por Gerard Duveen; traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 11 ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Editora Petrópolis: Vozes, 2015. MOSCOVICI, S. *A Psicanálise, sua imagem e seu público*. Petrópolis, Editora Vozes. 1961/2012

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis, RJ, Vozes, 2003.

NUNES, C.M.F et al. **“Tô aprendendo a sonhar”**: narrativas de jovens e sua relação com a escola doi:<https://dx.doi.org/10.31892/rbpab252c5-426x.2021.v6.n18.p635-650>, 2021.

OLIVEIRA, F.C. **Novas páginas de pesquisa em Psicologia social: o fazer pesquisa na/da internet**. *Psicologia e Saber Social*, 6(2), 186-204, 2017.

OLIVEIRA, M.S.B.S. **Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici** *Resenhas • Rev. bras. Ci. Soc.* 19 (55) • Jun 2004 • <https://doi.org/10.1590/S0102-69092004000200014> copiar

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração sobre a Promoção entre os Jovens dos Ideais de Paz, Respeito Mútuo e Compreensão entre os Povos**. 1965. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/1-A_RES_30_2037_port.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2016.

PAULILO, M.A..S. **Juventude e políticas sociais públicas In Juventudes, desigualdades e diversidades : estudos e pesquisas** [livro eletrônico] / Leila Sollberger Jeolás, Maria Ângela Silveira Paulilo, Maria Regina Clivati Capelo (orgs.). – Londrina: Edel, 2013.

PRIBERAM. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2024,) <https://dicionario.priberam.org/futuro>

RAITZ, T. R. e PETERS, L. C. F. **Novos desafios dos jovens na atualidade: trabalho, educação e família**”. In *Psicologia & Sociedade*; 20 (3): 408-416, 2008.

RIBEIRO, R. J. *Política e Juventude: o que fica da energia*. In: NOVAES, R. ; VANNUCHI, P. (Org.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

ROCHA, A.P.R. **A Adolescência como Ideal Cultural Contemporâneo. Psicologia Ciência e Profissão**, 28(3), 622-631, 2008.

ROCHA, G.P.N et al **JUVENTUDE(S) NOVAS REALIDADES NOVOS OLHARES**, 2016

SÁ, Núcleo central das representações sociais, Petrópolis, editora vozes, 1996.

SÁ, Celso Pereira de. **A construção do objeto de pesquisa em Representações Sociais**. Rio de Janeiro, EdUERJ, 1998.

SANTOS, E.P.S **Desconstruindo a Menoridade: A Psicologia e a Produção da Categoria Menor**. In. *Psicologia Jurídica no Brasil*. Hebe, S.G & Brandão, E.P (orgs). Rio de Janeiro. NAU. p 43-72, 2011.

SILVA, Carla Regina, LOPES, Roseli Esquerdo. **Adolescência e Juventude: entre conceitos e políticas Públicas**. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, v. 17, n. 2, p 87-106, jul./dez. 2009

SOUZA & I. L. PAIVA. **Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real** In *Estudos de Psicologia*, 2012. Disponível www.scielo.br/epsic Acesso em 14.03.2023.

SOUZA E PAIVA. **Faces da juventude brasileira: entre o ideal e o real**, Estudos de Psicologia, 17(3), setembro-dezembro/2012, 353-360

Spink, M. J. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial**. Cad. Saúde Pública 9 (3) • Set 1993 • <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1993000300017>

SPOSITO, M.P.P & TARABOLA F. S. **Entre luzes e sombras: o passado imediato e o futuro possível da pesquisa em juventude no Brasil Disponível em:** Artigo • Rev. Bras. Educ. 22 (71) • 2017 • <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017227146> Acesso em 03.03.2023

UNICEF 2011 **Estimativa do UNICEF Brasil com base em dados do Levantamento SINASE 2012 e PNAD 2012.**

VALA, J.; CASTRO, P. **Pensamento social e representações sociais**. In: VALA, J.; MONTEIRO, M. B. (Coord.). Psicologia Social (9ª edição revista e atualizada), Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 569-602. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/8702>

VASSOURAS, PREFEITURA MUNICIPAL DE VASSOURAS, SECRETARIA DE ASSISTENCIA SOCIAL **PLANO MUNICIPAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL PMAS VASSOURAS 2022-2025** Disponível em www.vassouras.rj.gov.br

Vieira, M. M. (2016). **Juventude(s) e escolhas de futuro: do risco ao arriscar**. In Gilberta Pavão Nunes Rocha, Rolando Lalandá Gonçalves & Pilar Damião de Medeiros (Orgs.), Juventude(s) novas realidades novos olhares, pp. 123-147. Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus1084, out.-dez. 2011

YOUNG, J. A **sociedade excludente**: Exclusão social, criminalidade e diferença na modernidade recente. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 2002.

ZUMALDE, Ivan.. Jovens sem carteira e com futuro : a jornada paralela de construção de identidade pelo trabalho da juventude / Ivan Zumalde. – 2022. 27 p. ; 30 cm. Orientadora: Profª. Dra. Marta de Aguiar Bergamin. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Globalização, Poder e Sociedade) – Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Bibliografia: p. 26-27. 1. Trabalho. 2. Juventude. 3. Futuro. 4. Empre,00go. 5. Identidade. I. Bergamin, Marta de Aguiar. II.